



Márcia Catarina da Silva Gonçalves

## A influência da imprensa escrita nas redações televisivas

Relatório de estágio de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientada pelo Doutor Luís Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# A influência da imprensa escrita nas redações televisivas

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>A influência da imprensa escrita nas redações televisivas</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Márcia Catarina da Silva Gonçalves</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Doutor Luís Gouveia Monteiro</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Sílvio Manuel Rodrigues Correia dos Santos</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>I. Doutora Maria Clara Taborda de Almeida Santos</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>25-10-2016</b>
<b>Classificação</b>	<b>12 valores</b>



*À minha mãe e irmã, pelo amor incondicional,  
por me incentivarem, sempre, a ser melhor.*

## **Agradecimentos**

A vida é feita de etapas, de processos, de construções e de passagens.

Cada vez que temos de enfrentar um novo desafio, a reação acaba por ser inevitavelmente a mesma, aquela sensação de desconforto num misto de ansiedade e nervosismo mas também de entusiasmo e força.

Uma mistura bombástica que no final de mais uma etapa, fez tudo valer a pena. Porque tudo é mais fácil quando estamos rodeados de pessoas que acreditam em nós, que confiam em nós, que nos apoiam e a quem nunca iremos desiludir.

Começo por agradecer à minha família que sempre me apoiou, que sabem quem eu sou, que acreditam em mim, que são o meu suporte e apoio nos momentos de dúvidas e incertezas e que lutaram a meu lado numa luta que não era delas. Ao meu pai que apesar de já não estar fisicamente presente, continua a ser sem sombra de dúvida o meu grande auxílio.

Nada me deixa mais feliz do que saber que dei à minha família muitos motivos de orgulho nestes últimos meses.

Um agradecimento ao Professor Luís Gouveia Monteiro, meu orientador de estágio, que esteve sempre disponível para me ajudar e sem o qual o meu estágio não se tinha realizado e teria sido mais pobre sem os seus conhecimentos jornalísticos.

Obrigado a todos na SIC Porto que me surpreenderam todos os dias, que me incentivaram a dar um passo em frente, que exigiram de mim aquilo que nem eu sabia ser capaz e por me terem moldado como pessoa e como jornalista. O vosso profissionalismo faz-me sempre lembrar porque escolhi esta profissão. Saí da SIC de coração cheio. Devo – vos aquilo que sou hoje, profissionalmente.

Não posso avançar sem mencionar duas pessoas, da Redação da SIC do Porto, que contribuíram e muito para o sucesso do meu estágio e para a realização deste relatório. Obrigada Catarina Folhadela e Ana Luísa Barroso pela forma carinhosa com que sempre me trataram e pelo apoio na realização deste relatório. Sem o vosso contributo, este trabalho teria sido menos desafiante.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento (muito especial) à jornalista Maria José Mendes que foi o meu grande pilar durante o estágio e, sem dúvida, a jornalista que me ensinou como este mundo funciona e que sempre me deu a confiança que eu precisava. Obrigada por acreditares em mim mesmo quando eu não acreditei, por veres em mim aquilo que eu não tinha visto, pelos desabafos, pelos sorrisos, pelas lágrimas, pelos momentos partilhados e pelo entusiasmo. Obrigado, por mesmo longe, estares sempre perto. Coloriste a minha passagem pela SIC.

Com este relatório termina mais uma etapa da minha vida.

## **Resumo**

A “caixa mágica” é um elemento importante na vida de milhões de pessoas. É propagadora de conhecimento e uma fonte de informação que atinge vários segmentos da sociedade. Permite a aquisição de cultura e é um elemento de destaque na comunicação de massas assim como um meio construtor da realidade.

A televisão vive lado a lado com outros meios de comunicação social como é o caso da imprensa escrita. Estes dois grandes meios de difusão de informação diferem na forma de divulgar notícias e na forma como o público acede aos mesmos, mas ambos trabalham para captar a atenção de leitores e telespectadores, procuram as audiências.

Neste relatório de estágio reflete-se sobre a influência da imprensa escrita nas redações televisivas. Usa-se como base os jornais televisivos de três estações de televisão privadas (SIC, CMTV e TVI) e de uma estação pública de televisão (RTP).

Essa influência será avaliada com base nas notícias que fazem parte dos alinhamentos dos jornais televisivos e que são o ponto de estudo fulcral neste relatório em que também é feita uma referência aos valores-notícia e ao conceito de noticiabilidade.

Com a análise das notícias dos telejornais do horário nobre dos quatro canais de televisão pretende-se mostrar a quantidade das reportagens televisivas que tiveram como base as informações difundidas pela imprensa escrita e perceber os critérios editoriais que levam coordenadores e editores a recorrer aos jornais impressos para a realização de reportagens televisiva.

**Palavras – chave:** Televisão, imprensa escrita, notícias, jornais televisivos

## **Abstract**

The "magic box" is an important element in the life of millions of people. It is a disseminator of knowledge and a source of information that reaches multiple segments of society. Allows the acquisition of culture and it is a prominent element in mass communication as well as a constructor of reality.

Television lives side by side with other media such as press. These two major media have different skills and strategies to disseminate the news. But they both work to capture the attention from readers and viewers. They both seek the biggest possible audience.

This internship report reflects on the influence of press in television newsrooms. It does so relying on the analysis of the broadcasts by three private television networks, (SIC, CMTV and TVI) and one public network (RTP).

Such an influence was procured in the news segments that got on the air in primetime television on an effort to identify patterns of news value and newsworthiness

This report shows the amount of television reports that were based on information originated by the press and questions the editorial criteria behind those decisions.

**Keywords:** television, press, news, primetime news

## Índice

1-	O estágio e a empresa acolhedora.....	13
	Sic: o início da televisão privada .....	13
	Redação da Sic Porto.....	16
	Tarefas desempenhadas durante o estágio .....	17
2.	Imprensa Escrita.....	19
	2.1 Imprensa e a notícia .....	22
	2.2 O Valor-notícia .....	24
3.	A televisão.....	28
	3.1 O papel da televisão enquanto meio de comunicação social e de divulgação de informação .....	28
	3.2 A reportagem e o jornalismo televisivo .....	30
4.	Análise prática e reflexão do trabalho em estágio.....	33
	4.1 Tema de análise: a influência da imprensa escrita nas redações televisivas.....	34
	4.2 Metodologia .....	35
	4.3 Análise de imprensa escrita e jornais televisivos.....	36
	4.4 Resultados do questionário realizado .....	42
5.	Análise e discussão.....	50
	Considerações Finais.....	54
	Influência da imprensa escrita na redação da SIC no Porto.....	57
	Conclusão.....	58
	Bibliografia .....	61
	Anexos.....	65
	Anexo 1 – Inquérito realizado aos jornalistas .....	66
	Anexo II.....	69
	Anexo III.....	70



## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Dados da semana de 9 a 15 de Maio.....	36
Tabela 2 – Dados da semana de 13 a 19 de Junho .....	38
Tabela 3 – Dados da semana de 18 a 22 de Julho .....	40

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Respostas à pergunta “Órgão de Comunicação em que desempenha funções?” .....	42
Gráfico 2 – Respostas à pergunta “Considera a Imprensa Escrita como fonte para a realização de reportagens?” .....	43
Gráfico 3 – Resposta à pergunta “Tendo em conta o seu trabalho diário, quais são as principais fontes das reportagens que realiza?” .....	44
Gráfico 4 – Respostas à pergunta “Considera uma tendência recente a utilização da imprensa escrita como fonte para a realização de reportagens televisivas?” .....	45
Gráfico 5 – Respostas à pergunta “tem havido um acréscimo de reportagens com base em banca de jornal?” .....	46
Gráfico 6 – Respostas à pergunta “A que se deve esse recurso à banca de jornais?” ....	47
Gráfico 7 – Respostas à pergunta “Qual dos seguintes órgão de imprensa escrita influencia mais as redações dos canais televisivos?” .....	48
Gráfico 8 – Respostas à pergunta “Essa influência, na sua opinião, é positiva ou negativa?” .....	48
Gráfico 9 – Respostas à pergunta “Na sua opinião, essas reportagens estão a tornar os jornais televisivos mais sensacionalistas?” .....	49

## **Introdução**

Este relatório tem por base o estágio curricular de Mestrado realizado na redação da SIC no Porto, mais precisamente em Matosinhos. Tem como objetivo uma apresentação do trabalho desenvolvido na redação assim como a discussão de um estudo de caso elaborado no contexto da redação televisiva.

O estágio teve como objetivo complementar a formação já iniciado ao longo do primeiro ano do mestrado de forma a servir de complemento com uma experiência académico-profissional na redação do primeiro canal português de televisão privada.

O estágio decorreu durante três meses, entre Março e Junho de 2016, sob a orientação da Coordenadora da Redação, Dra. Lúcia Gonçalves, e permitiu um aprofundamento dos conhecimentos adquiridos na formação académica ao nível da comunicação e jornalismo.

O presente relatório representa a última etapa com vista à conclusão do Mestrado em Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e está dividido em duas partes fundamentais: uma primeira parte em que foi analisada a entidade acolhedora e caracterizado o trabalho prático desenvolvido durante os três meses de estágio na SIC e numa segunda parte foi desenvolvido o estudo de caso que tem como tema “a influência da banca de jornal nas redações televisivas”.

A partir desse tema é feita uma abordagem à influência que as notícias da imprensa escrita têm nas redações televisivas, no caso: SIC, TVI, RTP e Correio da Manhã TV (CMTV). Esta amostra permite também comparar as diferenças editoriais entre os canais públicos (SIC, TVI e CMTV) e o canal privado (RTP). A análise parte de dados recolhidos após a observação do dia-a-dia da redação da SIC no Porto e dos jornais televisivos dos restantes canais.

O objetivo deste estudo de caso é tentar perceber de que forma a influência da imprensa escrita está a alterar a rotina das redações televisivas e o lugar que a imprensa escrita ocupa no mundo televisivo.

Mas, para falar de imprensa e televisão temos de começar por falar de comunicação.

Segundo o dicionário *Petit Larousse* (1974) a comunicação é a “acção de comunicar alguma coisa: notícia, mensagem, informação (...) a transmissão de informação no seio de um grupo”.

Comunicar é assim a “transmissão de informação (...) entre uma fonte e um destinatário” (Kail apud Beaudichon, 1999) e é esta transmissão que é evidenciada no modelo de comunicação de Shannon e Weaver (1949) em que, segundo o esquema do modelo, uma fonte codifica uma mensagem que é depois transmitida e decodificada pelo receptor.

A imprensa escrita e a televisão funcionam como as fontes que transmitem informação para os leitores e telespectadores que assumem o papel de receptores.

Mas para haver comunicação nesses dois meios de comunicação é necessário o uso da escrita.

A escrita é tão importante para a imprensa como para a televisão, os dois meios apenas vinculam informação de forma diferente.

Cádima (1996) refere a escrita como a materialização das diferentes modalidades dos actos comunicacionais, estando em jogo o meio utilizado para representar o real e transmitir informação de forma inteligível para o público.

A imprensa escrita e a televisão vivem lado a lado, são meios de comunicação de massas, comunicam para um grande número de pessoas, mas apresentam funções e metodologias distintas e um impacto diferente na sociedade.

São meios noticiosos que “conferem notoriedade pública a determinadas ocorrências, ideias e temáticas” (Sousa, 1999)

Segundo João Pedro Sousa, estes meios jornalísticos contribuem ainda para munir esses acontecimentos de significados.

Na imprensa escrita, a “mensagem real reveste quase sempre a mesma forma – artigo” – enquanto a Televisão “transmite várias formas de mensagens reais contendo a informação” (Jespers, 1998).

Mas o que está em causa neste relatório são as notícias difundidas pelos dois meios de comunicação.

As notícias representam vários aspetos da realidade quotidiana. Enquanto género jornalístico, são essencialmente um “pequeno enunciado reportativo, um discurso, um acontecimento recente ou desenvolvimentos de acontecimentos” (Sousa, 2001).

É considerado o “género básico do jornalismo” e representa informação “nova, actual e de interesse geral” (Sousa, 2001).

Imprensa escrita e televisão são alimentadas pelas notícias e os consumidores dessa informação tornam-se “testemunhas dos acontecimentos da vida pública” (Sousa, 2000)

Mas a televisão ganha cada vez mais espaço no dia-a-dia dos cidadão e é um “meio de comunicação central das sociedades contemporâneas, porque satisfaz uma panóplia de necessidades (...) sem se sair de uma atmosfera íntima” (Sobral, 2009).

É assim importante estudar a televisão e a informação nesse meio de comunicação aliada à influência que as notícias da imprensa escrita têm nas redações televisivas.

É essa linha de pensamento que segue este relatório, inserido do Mestrado em Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Ao longo do relatório, irei abordar as vivências durante o período de estágio na redação da SIC no Porto e as observações feitas ao longo desses três meses.

## **1- O estágio e a empresa acolhedora**

### **Sic: o início da televisão privada<sup>1</sup>**

Estávamos na primavera de 1992 quando se iniciaram as emissões experimentais daquele que viria a ser o primeiro canal de televisão privada.

A 6 de Outubro desse mesmo ano nascia, oficialmente, a sociedade independente de comunicação, mais conhecida por SIC.

Um nascimento revolucionário, não tivesse sido a SIC a primeira estação privada de televisão em Portugal, tornando-se assim o terceiro canal generalista do território português.

Atualmente, o seu capital é detido pelo grupo Impresa – SGPS, SA, sendo este o maior grupo privado de meios de comunicação social em Portugal.

A estação veio pôr fim a 35 anos de televisão estatal e foi a primeira televisão independente e comercial do nosso país.

A evolução do projeto e a ambição de ir mais além fez crescer a SIC a olhos vistos. Em Maio de 1995, a SIC ultrapassou a RTP nas audiências, uma estreia desde a sua criação.

Dois anos depois iniciou as emissões da SIC Internacional e chegava assim à casa de todos os portugueses espalhados pelo mundo.

Em 2001 nasceu a Sic Notícias e foi também iniciada a aposta na SIC *online*.

Oito anos depois, em 2009, a Sociedade independente de comunicação assumiu todo o capital da SIC Notícias, um canal dedicado em exclusivo à informação nacional e internacional.

A SIC Notícias está disponível, apenas, na televisão por cabo e foi criada para responder às necessidades dos telespectadores que querem estar sempre atualizados sobre os últimos acontecimentos/notícias. Este canal apresentou e ainda apresenta uma forma inovadora de informar com três blocos diários de informação e ainda edições especiais e

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do *site* oficial da SIC: <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC>

programas com temáticas específicas dedicadas à economia, saúde, moda, desporto e entrevistas.

A evolução da estação televisiva, e principalmente da informação, aconteceu ao longo dos anos e originou a criação de delegações por todo o país em vários países estrangeiros.

A secção da informação está dividida em duas redações, Lisboa e Porto, e conta ainda com equipas de jornalista + repórter de imagem em locais como Bragança, Vila Real, Aveiro, Viseu, Madeira e delegações dispersas por todo o mundo como é o caso da Europa e do Brasil.

Os coordenadores das redações definem quais os temas e quando devem ser tratados, organizando assim a distribuição dos jornalistas e repórteres de imagem pelos respetivos serviços da agenda. As duas redações abastecem todas as plataformas informativas do canal: SIC, SIC Notícias e SIC *Online*.

Para que a informação esteja sempre actualizada e de acordo com os acontecimentos a decorrer no momento, é importante o contributo e trabalho dos produtores que organizam a agenda que será posteriormente analisada pelos coordenadores das redações que seleccionam aqueles que consideram que merecem um maior destaque.

Essa agenda agrega informação de vários acontecimentos, em todas as áreas do jornalismo, economia, desporto, política e informações internacionais.

Um dos princípios das redações e da SIC é ser o primeiro a chegar e a divulgar a notícias aos seus telespectadores (no caso da SIC e SIC Notícias) e aos leitores do *site* do canal.

Atualmente a SIC tem 7 canais sendo eles a SIC, a SIC Noticias, SIC Mulher, SIC Radical, SIC K, SIC Caras e SIC Internacional.

A estação televisiva rege-se por valores<sup>2</sup> como:

- Credibilidade (Rigor na informação - “verdade absoluta”);
- Qualidade (Preocupação com os pormenores, sem elitismos);

---

<sup>2</sup> Informações retiradas do *site*:

<http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf>

- Modernidade (Sempre aberto às novas tendências e definir novas tendências);
- Inovação (Explosão de criatividade criando novos formatos e causar polémica mas sem provocar choque);
- Diversidade (Mantendo variedade de produtos e canais);
- Dinamismo (Sempre dinâmica de forma a ser uma revolução permanente em Portugal)
- Proximidade (Participativa, viver e comunicar com o telespectador de qualquer idade);

Quanto à identidade visual, o logotipo foi criado inicialmente por Hans Donner (da TV Globo) e foi acompanhando a evolução do canal ao longo dos anos, evoluindo também até ao seu atual formato. O logotipo pretende assim transmitir dinamismo e criatividade.

Na seção de informação trabalham atualmente 243 pessoas que estão afetas totalmente à seção de Informação (onde estão incluídos jornalistas, repórteres de imagem e produtores).

No momento em que este relatório foi escrito faziam parte da Direção de Informação, da SIC, Ricardo Costa e José Gomes Ferreira que contam com o apoio dos subdirectores Pedro Cruz e Bernardo Ferrão.

## **Redação da Sic Porto**

O local que me acolheu foi a redação da SIC no Porto.

A redação da SIC do Porto tem como coordenadora a Dra. Lúcia Gonçalves e subcoordenadora a Dra. Catarina Folhadela.

Esta redação está afeta à secção de informação da SIC, dedicando-se quase em exclusivo à realização de reportagens de conteúdo informativo e desporto.

A redação faz essencialmente a cobertura das notícias da região Norte, sendo também um braço direito da redação de Lisboa no que toca a notícias internacionais ou de banca de jornal. Nesta redação trabalham 31 pessoas incluindo as duas coordenadoras, os jornalistas, os produtores, os repórteres de imagem e os editores de imagem.

A redação está dividida em 4 áreas distintas, possui 5 salas onde trabalham os jornalistas, produtores e repórteres de imagem e ainda 3 salas de edição e montagem de peças televisivas onde laboram os editores de imagem. Tem ainda uma régie, semelhante à da redação principal de Lisboa, mas com uma dimensão mais reduzida.

Contam ainda com um estúdio onde, por vezes, é emitido em direto o jornal de desporto das 16h30 da SIC Notícias e onde decorrem os diretos dos entrevistados da zona norte do país.

Durante os três meses de estágio tive a oportunidade de acompanhar e trabalhar com todos os profissionais da redação do Porto, o que me deu a oportunidade de adquirir novos conhecimentos em várias áreas que me permitiram solidificar práticas jornalísticas.



## **Tarefas desempenhadas durante o estágio**

O estágio é sempre uma oportunidade para colocar em prática os conteúdos teóricos que foram leccionados durante o correr do período de aulas.

Na redação da SIC do Porto foi-me dada a possibilidade de desempenhar várias tarefas que me fizeram crescer enquanto pessoa e jornalista.

Foram 3 meses de enorme aprendizagem a aproveitar tudo aquilo que me era permitido fazer.

A primeira semana de estágio foi marcada pela oportunidade de participar no Congresso do PSD que decorreu em Espinho durante o fim-de-semana, o que me permitiu aprofundar os conhecimentos sobre política e o jornalismo na política.

Assisti a jogos de futebol nomeadamente ao jogo SCBraga – Shaktar e SCBraga – SportingCP no respectivo estádio municipal de Braga, presenciei conferências de imprensa do Sporting Clube Braga e do Futebol Clube do Porto, vi a transmissão de diretos e gravação de vivos, acompanhei algumas vezes a emissão do jornal de desporto a partir do estúdio da SIC no Porto.

Acompanhei os jornalistas nas suas saídas em reportagem passando por temas relativos a política, desporto, assuntos sociais, medicina....

Escrevi peças televisivas e gravei na sala de sonorização os *off's*.

Um dos pontos altos do estágio foi a produção e acompanhamento da Reportagem – Forte da Ínsua. Para que a reportagem pudesse ser realizada, fui incumbida de agendar todas as entrevistas e pedir as autorizações necessárias para visitar o forte que se encontra numa ilha a 200 metros da costa de Caminha.

Realizei ainda várias entrevistas, na maioria com o apoio e autorização do jornalista que estava a acompanhar e duas delas apenas acompanhada pelo repórter de imagem que serviram para depois os jornalistas da SIC montarem as suas peças. Uma delas ao presidente do IPAM (Instituto Português de Administração de Marketing) – Daniel Sá e a segundo a alunos do 11º que realizaram o exame nacional de filosofia.

De todos os acompanhamentos que fiz optei por seleccionar apenas 8 saídas para montar as minhas próprias peças.

Essa escolha recaiu sobre aquelas que mais me marcaram e mais me ensinaram.

As peças escolhidas são de temas bem diferentes e pertencem a áreas como cultura, acção social, economia e religião.

Dessas peças, a que na minha opinião, merece um maior destaque é a reportagem sobre o Forte da Ínsua, uma fortificação junto à costa de Caminha que está ao abandono à vários anos.

Para que a jornalista Maria José Mendes pudesse realizar a reportagem, foi necessário um processo de produção, do qual fiquei encarregue.

Ficou a meu cargo toda a responsabilidade pela reportagem, incluídos os contatos que foram feitos quer com as autoridades quer com os entrevistados, o agendamento da data da visita e o tratamento de toda a parte burocrática que uma reportagem desta índole exige.

Para além da bagagem cultural, a produção e o acompanhamento desta reportagem deu-me a possibilidade de aprender e aprofundar todos os conhecimentos que tinha, até então, adquirido teoricamente.

A reportagem do Forte da Ínsua (da jornalista Maria José Mendes, imagem de Joaquim Gomes e edição de Miguel Castro) foi um sucesso a nível de visionamento, tendo estado vários dias consecutivas em 1º lugar nas notícias mais vistas do *site* da SIC Notícias.

Para que um estagiário possa montar as próprias peças para usar no futuro como portfólio, é necessário seguir alguns passos.

O primeiro passo requer acompanhar o jornalista até ao local do acontecimento, observar o que está acontecer e retirar apontamentos.

Após a chegada à redacção, é importante visionar as imagens e as entrevistas recolhidas pelo Repórter de imagem para que se possa escrever o *off* que será corrigido pelo jornalista em causa.

Quando as correcções e alterações estão devidamente feitas, o próximo passo é sonorizar o *off* para depois recorrer a um editor de imagem para que a peça possa ser montada.

## 2. Imprensa Escrita

“Se a arte de escrever foi o mais admirável invento do Homem, o mais poderoso e fecundo foi certamente a imprensa”

Alexandro Herculano

Não se pode afirmar que Gutemberg inventou a imprensa mas sim que a aperfeiçoou e deu o passo fundamental para a sua evolução reinventando a tipografia (Crato, 1983) e a própria forma de reprodução da escrita.

O termo imprensa surge a partir do termo prensa móvel. Gutemberg aprimorou a técnica de impressão no século XVI e dois anos mais tarde, essa mesma técnica foi utilizada para imprimir jornais que funcionavam como um meio de difusão de mensagens escritas.

Esta invenção permitiu o aparecimento das primeiras folhas volantes com as características da imprensa: “periocidade, encadeamento de informação e conteúdo específico” (Tengarrinha, 1979)

A imprensa foi sempre conhecida como a necessidade de difundir as notícias mas só recentemente foram “reunidas todas as condições para uma difusão em massa dos jornais” (Crato, 1983).

Na idade média, a imprensa resumia-se a folhas escritas com notícias de comércio e economia sendo um poderoso instrumento divulgador de informação.

No caso particular de Portugal, a história da imprensa portuguesa não pode ser observada como um fenómeno isolado mas sim como um aspeto da “cronologia da nossa cultura” (Tengarrinha, 1979) que foi evoluindo ao longo do tempo.

O final do século VXII e início do século XVIII constituíram um grande período de produção jornalística em Portugal.

Foi durante o reinado de D. João V que surgiu o primeiro jornal oficial português que ficou conhecido como a *Gazeta de Lisboa*. A sua primeira publicação aconteceu a 10 de

agosto de 1715 sob o nome “Notícias do Estado e do Mundo” e teve como redactor José Freire de Monterroio. A segunda publicação já teve como nome “Gazeta de Lisboa” que perdurou durante vários anos.

A Gazeta de Lisboa tornou-se assim o principal “jornal” de informação política entre 1715 e 1820. Mas com o passar dos anos, o seu nome foi sendo alterado até que em 1976 adquiriu o nome de “Diário da República” que se mantém até hoje.<sup>3</sup>

Mas foi no ano de 1865, que o jornalismo português entra para a chamada modernidade com o aparecimento do Diário de Notícias.

É ainda importante referir os meios humanos que faziam parte da organização de um jornal no século XVIII.

Tengarrinha (1965) relata que um jornal com alguma importância era constituído por “um editor (responsável perante as autoridades), por um redactor-responsável (ou chefe da redacção), por um ou dois noticiaristas encarregados da tradução das folhas estrangeiras e da informação nacional (...) e um folhetinista (...)”, o autor refere ainda que o chefe da redacção “era o verdadeiro espírito e alma da publicação”.

Por sua vez, Sousa (2006) sintetiza a predominância da imprensa escrita como:

Até aos alvares do século XX, a imprensa foi o principal veículo da troca de informações e ideias e da cultura. Livros e jornais foram os elementos centrais daquela que McLuhan (1962) denominou, metaforicamente, como a Galáxia de Gutenberg, sobretudo a partir do século XIX.

O mesmo autor refere ainda que “ a imprensa estimulou o acesso à leitura. Um maior acesso à leitura significou mais procura e isto permitiu ainda maiores tiragens o que reduziu ainda mais o custo por exemplar; os livros, revistas e jornais incentivaram a instrução e esta, retroactivamente, incentivou a leitura. Com os hábitos de leitura, veio o gosto de ler; os textos impressos e a instrução alimentaram a curiosidade, o interesse pelo mundo, a fome de conhecimento, o que por sua vez se reflectiu nos índices de leitura.” (Sousa, 2006), sendo estes fatores que contribuíram para o sucesso da imprensa.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas da página *online* do Instituto diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros e que podem ser consultadas em <https://idi.mne.pt/pt/documentos-e-efemerides/2-uncategorised/443-gazeta-de-lisboa.html>

Esse sucesso foi visível ao longo dos anos, a imprensa escrita acompanhou a evolução da própria sociedade e das mudanças na conduta de fazer jornalismo. Sofreu alterações e hoje em dia até já pode ser consultada via *online* nos sites dos próprios jornais.

## 2.1 Imprensa e a notícia

Mas afinal o que é notícia?

As notícias são narrativas assentes num modelo de comunicação criado em 1948 por Harold Lasswell que fundamentou algumas questões num estudo sobre os efeitos dos meios de comunicação social.

Lasswell, no seu modelo, acreditava que o ato de comunicação se resumia na resposta a questões como Quem? (emissor), diz o que? (mensagem) através de que canal (meio), com que efeito? (impacto) e a quem? (receptor). A resposta a estas questões tornava a mensagem completa e de fácil entendimento.

Lasswell defende ainda que o processo de comunicação preenche na sociedade três funções sendo elas a “vigilância do meio” (onde é revelado tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade); “o estabelecimento de relações” entre as componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio e, por fim, a “transmissão da herança social” (in Lopes, 2008).

A confecção da mensagem que posteriormente se irá tornar notícia está no foco dos estudos de vários autores.

Podemos então definir uma notícia como um “artefacto linguístico que procura representar determinados aspetos da realidade e que é resultado de um processo de construção onde interagem vários fatores como a natureza pessoal, ideológica, cultural e social que é difundida pelos meios jornalísticos” (Sousa, 1999). Pode-se ainda acrescentar que é um “tipo de jornalismo básico, um relato de um acontecimento de factos verídicos, actuais e de interesse para o público” (Crato, 1983).

A notícia tende a dizer-nos o que queremos saber, o que precisamos de saber e o que deveríamos saber (Tuchman, 1983).

Na notícia, o texto deve ser “animado por uma intenção de verdade e de rigor, o que muitas vezes se confunde, erroneamente, com factualidade numa verdadeira notícia são sempre relatados factos, sob a forma de descrições ou de citações”(Sousa, 2001).

A escrita de notícia não existiria sem a atividade jornalística. Esta atividade pode ser definida como a transformação de um acontecimento em notícia que será difundida pelos órgãos de comunicação social (Crato, 1983).

A imprensa funciona como um desses órgãos, em que o principal papel de um jornal é o de informar, sendo as “notícias mais importantes que os jornalistas” (Sousa, 2001).

Para uma informação ser notícia é necessária a conjugação de três fatores: ser recente, ser imediata e que circule (Fontcuberta, 2002)

Mas não se pode falar em notícia sem se falar em objectividade jornalística que nos permite identificar até que ponto um determinado assunto ou acontecimento tem valor suficiente para se tornar uma notícia a ser difundida.

Nuno Crato refere que o jornalismo é uma atividade de divulgação de acontecimentos que “deve representar a realidade tal e qual ela é, sem fazer intervir julgamentos pessoais”, o que levante algumas discussões sobre a objectividade e subjetividade do jornalismo e das notícias.

O autor afirma ainda que a questão da objectividade aparece como um “mito”.

A atividade jornalística transforma um acontecimento em notícia, porém, no final, na notícia acabam por intervir os factos originais assim como “critérios e interesses socialmente identificáveis” (Crato, 1983).

## 2.2 O Valor-notícia

“Se só existisse uma verdade, não se poderiam pintar centenas de quadros com o mesmo tema”

Pablo Picasso

No ponto anterior definiu-se o conceito de notícia assim como a sua importância para a comunicação e para os meios de comunicação social.

Mas é importante também refletir sobre critérios que fazem uma determinada informação ser relevante ao ponto de se tornar notícia.

Todas as notícias difundidas pelos meios de comunicação social são sujeitas a um tratamento e a um processo de selecção, pois nem todos os acontecimentos são sensíveis ao ponto de se tornarem notícia.

Os coordenadores e editores dos meios de comunicação decidem e escolhem os acontecimentos de acordo com a política da empresa e a forma como esse acontecimento pode garantir audiência.

Para se perceber melhor o processo de selecção acima referido é necessário refletir sobre o conceito de noticiabilidade, ou seja, que critérios fazem de um acontecimento notícia.

Mauro Wolf (apud Sousa, 1999) define noticiabilidade como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias.”.

O mesmo autor considera ainda que os valores-notícia são um dos critérios da noticiabilidade e que estabelecem que tipo de acontecimentos são relevantes ao ponto de se tornarem notícia (Wolf, 2002).

Mauro Wolf diferencia os valores-notícia entre “selecção” (“critérios utilizados na escolha de um acontecimento até à sua transformação”) e construção (apud, Traquina, 2005).

Os valores - notícia não são independentes sendo que os “acontecimentos que reúnem o maior número de critérios de noticiabilidade são aqueles que são automaticamente seleccionados, para serem apresentados no telejornal” (Dias, 2005)



O sociólogo italiano Wolf (2002) propõe alguns critérios que convergem na escolha dos acontecimentos que se tornam notícia:

### I – Critérios Substantivos: importância e interesse

Em que a importância é determinada pelo grau hierárquico dos envolvidos no acontecimento a ser notícia, o impacto sobre o interesse nacional, a quantidade de indivíduos que estão envolvidos no acontecimento e por fim a relevância que o acontecimento tem.

Por sua vez o interesse fundamenta-se no ponto de vista do jornalista em relação ao público e à capacidade que o sucedido tem em despertar a curiosidade do público.

### II – Critérios relacionados com o produto

Estão diretamente relacionados com a disponibilidade da informação e das características do produto, neste caso, informativo assim como na necessidade de avaliar se os jornalistas têm meios de fazerem a cobertura do acontecimento.

Mauro Wolf (2002) indica quatro critérios relacionados com o produto: a) brevidade – importância de notícias breves para que durante o telejornal se possam incluir notícias de todas as áreas; b) novidade – os acontecimentos mais importantes são os imprevisíveis e que fogem à regra “Bad News Good News”; c) atualidade: as notícias devem transmitir informações e factos recentes; d) equilíbrio: os telejornais devem ter uma composição equilibrada em termos de categorias temáticas.

### III – Critérios relacionados com o meio de comunicação

Se estivermos a falar de televisão, estes critérios apresentam três valores-notícia: a) imagens – a qualidade das imagens torna um acontecimento noticiável ou não; b) frequência – tempo necessário para que o acontecimento alcance significado; c) formato – relacionado com o tempo e a duração das peças, estrutura e imagens utilizadas.

#### IV – Critérios relacionados com o público

Abrangem a imagem que o jornalista tem do público, ajudando assim a seleccionar os acontecimentos de forma a irem ao encontro dos gostos e das necessidades desse mesmo público.

#### V- Critérios relacionados com a concorrência

Estes critérios determinam a probabilidade que um acontecimento tem de se tornar notícia através da chamada “guerra de audiências” na competição entre os vários meios de comunicação social. Segundo o autor, essa concorrência gera conteúdos semelhantes e uma homogeneização dos conteúdos informativos.

Nélson traquina foi um dos autores que também se interessou pelo tema dos valores-notícia, dividindo esses valores em valores-notícia de seleção e de construção. Esta divisão foi defendida por Mauro Wolf e referida anteriormente neste capítulo.

Traquina divide assim os valores notícia de seleção em critérios substantivos (em que o acontecimento é avaliado segundo o interesse e a sua importância enquanto notícia) onde constam valores como: a morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, o inesperado e o conflito.

Os valores-notícia de seleção prendem-se ainda, segundo o autor, por critérios contextuais (linhas que orientam a forma como o acontecimento deve ser apresentado) com base na disponibilidade, equilíbrio, visibilidade e concorrência.

Quanto aos valores-notícia de construção estes relacionam-se com a amplificação/dimensão do acontecimento, a relevância, a personalização, dramatização e a consonância do acontecimento.

Com a análise dos estudos de Mauro Wolf e Nelson Traquina podemos reter que os dois autores consideram que os critérios da noticiabilidade devem ser dinâmicos no tempo e que a importância do acontecimento deve centrar-se nos envolvidos e na relevância que esse acontecimento pode ter para o público.

Traquina (2002) refere que “os valores- notícia são um elemento básica da cultura jornalística (...) serve de “óculos” para ver o mundo e para o construir”

O jornalismo televisivo rege-se por completo por esses valores em que a imprevisibilidade dos acontecimentos e o “inesperado” acabam por adquirir um maior destaque nos telejornais (Brandão, 2002).

São principalmente estes valores-notícia que são tidos em conta quando coordenadores e editores seleccionam quais as informações merecem destaque a ponto de se tornarem notícia.

O investigador português, Nuno Brandão (2002), refere que a “prática jornalística é sensível aos acontecimentos mais calamitosos”, o que se pode observar através da Televisão em que os acontecimentos mais trágicos ganham cada vez mais espaço nos telejornais e prioridade em relação a outros temas.

### 3. A televisão

#### 3.1 O papel da televisão enquanto meio de comunicação social e de divulgação de informação

“Falar de televisão é falar de paixões e de ódios, de ideias e de preconceitos, de uma realidade exterior, mas também interior. Mas é importante falar dela” (Lopes, 1999)

Postman é um dos autores que defende a importância dos *media* no dia-a-dia das populações afirmando que esses meios de comunicação alteram as “coisas em que pensamos”, “as coisas com que pensamos” e a “arena onde se desenvolvem os pensamentos”, sendo assim elementos construtores de realidades que exercem um grande poder nos cidadãos.

A televisão representa parte dessa dependência. Rui Cádima (2011) afirma mesmo que a “televisão tem, ainda hoje, uma enorme influência na sociedade” sendo um meio influenciador de opinião dos telespectadores mas funcionando também como forma de propaganda do conhecimento.

É pela televisão que temos acesso àquilo que de mais importante se passa ao redor na nossa vida (Lopes, 2008). A Televisão revela-se como um meio difusor de informação capaz de moldar atitudes e estilo de vida dos seus consumidores.

Sobral (apud campos, 1994) define televisão como “um meio de comunicação audiovisual que faz uso de signos visuais e efeitos sonoros articulados em planos, transmitindo uma mensagem à distância para muitos ou para um só” tendo um grande impacto na sociedade.

A televisão é o meio que atinge vários segmentos da sociedade e que permite uma aquisição de cultura e conhecimento sobre o nosso país e o mundo (Lopes, 2008).

Este meio de comunicação de massas promove ligações sociais numa “reunião invisível” assentes em três pontos essenciais: “um meio que instala pontos de referência das várias facetas do quotidiano, um meio que celebra a vida retratando o quotidiano e um meio

de coesão social atendendo às realidades socioculturais” (*Gheude apud Lopes, 2008*). a Televisão pode mesmo ser considerada como um suporte para as interações sociais

A principal característica da televisão é, sendo um meio de comunicação de massas, o seu poder de concentrar ao seu redor vários interesses, apresentando facetas múltiplas tanto para pessoas como para os povos (Gelices, 1979), exercendo influências a nível cultural mas também da identidade das próprias sociedades.

Os *media* contribuem para uma “retribalização” e união dos povos, modificando a sua forma de pensar e a agir e o modo como interpretam a realidade, já a televisão implica uma descodificação que “envolve todos os sentidos simultaneamente” (McLuhan apud Sobral, 2009).

O teórico McLuhan (1969) refere-se ainda à televisão como um “meio frio”.

Este meio exige a participação ativa das audiências na descodificação da mensagem apresentada, onde som e imagem se completam e “o ver prevalece sobre o falar, no sentido em que a voz *off* (...) é secundária, está em função da imagem, comenta a imagem” (Sartori apud Sobral, 2009)

Fiske e Hartley (1994) sugerem que a “televisão é um modo natural de ver o mundo, sendo um meio que nos apresenta um fluxo contínuo de imagens que são familiares em estrutura e em forma e que usa códigos relacionados com aqueles com que entendemos a própria realidade”<sup>4</sup> tornando-nos seres altamente participativos na cultura televisiva.

---

<sup>4</sup> Tradução minha do original: “the television medium presents us with a continuous stream of images almost all of which are deeply familiar in structure and form, it uses codes which are closely related to those by which we perceive reality itself.”

### 3.2 A reportagem e o jornalismo televisivo

As notícias, que já foram anteriormente retratadas, são um dos elementos que permitem a realização de uma reportagem.

A reportagem televisiva recorre de forma essencial ao uso da imagem. Uma reportagem pode “sensibilizar o público, chamar a sua atenção para um determinado tema e também contribuir para aumentar os seus conhecimentos” (Jesper, 1998).

A reportagem como género jornalístico pode ser caracterizada por três pontos: “a presença da notícia (análise do momento real), a narração da realidade (não existe espaço para a ficção ou dramatização do acontecimento) e a originalidade no tratamento e apresentação dos fatos já conhecidos e reais” (Ganz, s.d.).

Uma reportagem televisiva deve conter duas dimensões distintas: “uma dimensão empática que visa a ligação entre o espetador e o assunto e/ou as personagens em acção (...) e uma dimensão de revelação, esclarecimento, de contextualização” (Jespers, 1998).

A junção de várias reportagens televisivas num mesmo programa de informação cria um jornal televisivo mais conhecido por telejornal (Jespers, 1998).

Os telejornais são programas de informação, em que a maioria das reportagens é caracterizada como reportagens de atualidade. As reportagens de atualidade são normalmente acontecimentos do próprio dia ou de um dia anterior próximo, e tratam acontecimento recentes não havendo espaço para uma preparação exaustiva da mesma.

A reportagem de atualidade consiste “em imagens que mostram o acontecimento (a maior parte das vezes imagens das consequências do acontecimento) e de entrevistas ocasionais de testemunhos” (Jespers, 1998).

A informação deve ser atual e factual, em reportagem é dada mais importância ao que é mais recente e mais concreto.

Daniel Cornu (1999) afirma que “a realidade do mundo, tal como os *media* a apresentam, constrói-se mais nas salas de redação do que no terreno”. Os jornalistas de

informação acabam por ser mais do que observadores, sendo eles próprios elementos construtores de realidades.

Cabe aos jornalistas avaliar as situações e perceber se a informação disponibilizada é suficiente para a realização de reportagens, uma vez que, “quem trabalha em informação não é um mero observador passivo do que se passa, mas um participante ativo na construção da realidade” (Lopes, 2008).

A televisão constrói a realidade através do uso da imagem, sendo este um elemento importante para a divulgação da informação televisiva. Segundo, Otero (1980) o “telespectador vê para se informar. E a sua informação é algo que ele próprio viu. Não é algo que lhe foi contado, mas que existe, porque ele viu com os seus próprios olhos”, o que contribui assim para a construção de uma realidade em que a televisão limita muito os comportamentos sociais.

A televisão pode ainda ser vista como uma autêntica “janela aberta para o mundo e o meio de reafirmar os valores e quadros de referência dos cidadãos” (Brandão, 2006).

Brandão (2006) refere ainda o poder que a televisão tem em oferecer interpretações poderosas sobre a forma de compreendermos os acontecimentos que são escolhidos para ser notícia e que diretamente vão afetar a formação dos cidadãos.

Em reportagem, os acontecimentos e o tema são importantes.

Segundo Jaspers (1998), uma reportagem deve sensibilizar os telespectadores chamando a sua atenção para o tema em causa.

Mas para a elaboração de uma reportagem televisiva é necessário um trabalho mais complexo de pesquisa e preparação da informação a ser divulgada.

O “tema da reportagem assim como as informações pesquisadas devem ser explícitas” (Ganz, s.d.) para facilitar o trabalho do jornalista, desta forma é importante conhecer toda a informação disponível sobre o tema em causa para que não haja erros na realização da reportagem.

Uma boa fonte para essas informações é a imprensa escrita.

Pierre Ganz sugere que alguns jornais “põe à disposição dos jornalistas externos a sua própria documentação”, ou seja, a recolha de informações pode assim ser feita com base na imprensa escrita que fornece, por norma, uma boa base de informações.



#### **4. Análise prática e reflexão do trabalho em estágio**

Esta análise assenta no tema da influência que a imprensa escrita tem nas redações televisivas.

Nos capítulos anteriores foi apresentada literatura científica sobre a imprensa, a televisão e a notícia que permite fazer uma ponte e um enquadramento entre os conhecimentos teóricos e o trabalho prático efectuado no estágio.

Para além da componente teórica, este relatório tem também uma componente mais científica em que foi feita a análise dos telejornais com base na metodologia de Silva e Menezes (2001) que refere a investigação e elaboração de uma dissertação.

Silva e Menezes (2001) consideram importante a pesquisa e interpretação de dados, uma vez que assim, se pode reflectir sobre o carácter mais específico de um determinado assunto.

A pesquisa é um processo “reflexivo e crítico de procura de respostas para problemas ainda não solucionados” (Silva e Menezes, 2001) em que o planeamento e a sua concretização fazem parte de um procedimento com várias etapas.

Para um bom planeamento da pesquisa é imprescindível “a existência de uma pergunta, a elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta e a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida” (Goldemberg apud Silva e Menezes, 2001).

Segundo as autoras Silva e Menezes (2001), o planeamento depende ainda de três fases: a escolha do tema e a definição e delimitação do problema da pesquisa (Fase decisória); construção de um plano de pesquisa e a execução do mesmo (Fase Construtiva) e por fim a análise das informações e dados obtidos durante a fase construtiva, onde são organizadas as ideias em síntese com vista à elaboração do relatório final (fase redaccional).

A fase decisória deste relatório foi definida como a influência da imprensa escrita nas redações televisivas e a análise dos telejornais, na fase construtiva encontram-se os dados recolhidos e a respectiva metodologia utilizada e, por fim, temos a fase redaccional que culmina com a análise e discussão dos resultados obtidos durante este estudo comparado (Silva e Menezes, 2001).

#### **4.1 Tema de análise: a influência da imprensa escrita nas redações televisivas**

O tema escolhido para este relatório recai sobre a influência da imprensa escrita nas redações televisivas, estando ambos os conteúdos na bibliografia científica anteriormente apresentada.

Considerei pertinente realizar o relatório de estágio sobre esse tema tendo verificado, na redação onde estive integrada, que existem dias em que os jornalistas não fazem trabalho de campo, ficando na redação a trabalhar sobre as notícias que surgem nos jornais impressos do dia.

Desta forma, foram escolhidos para análise os jornais televisivos de quatro canais de televisão, três canais públicos (SIC, TVI, CMTV) e um privado (RTP).

É importante referir que foram contabilizados apenas os jornais das noites, nomeadamente o “Jornal da Noite” da SIC, o “Jornal das 8” da TVI, o “Telejornal” da RTP e o “Jornal 20 H” da CMTV.

Pretende-se assim perceber de que forma as redações televisivas vivem “presas” à imprensa escrita para colmatar falhas que possam causar espaços em branco nos jornais televisivos.

Neste estudo comparado entre os dois meios de comunicação de massas, espera-se conseguir obter resultados que mostrem de que forma as informações divulgadas pela imprensa escrita influenciam os conteúdos informativos dos canais televisivos.

Espera-se também entender se essas informações contribuem de forma positiva para as linhas editoriais dos canais.

É importante ressaltar que, ao longo de toda a pesquisa bibliográfica, não foi encontrado nenhum estudo sobre este tema, sendo este relatório apenas baseado nas minhas observações pessoais.

## 4.2 Metodologia

Como já referido anteriormente, o presente relatório integra parte importante do Mestrado de Comunicação e Jornalismo da Universidade de Coimbra e tem como principal objetivo perceber a influência das notícias da imprensa escrita nas redações televisivas com base nas observações feitas durante o estágio da redação da SIC no Porto.

Utilizando a metodológica indicada por Silva e Menezes (2001), considera-se importante a definição do tipo de pesquisa que vai ser feita centrada no dia-a-dia das redações televisivas.

Pretende-se transformar os números em informação, classificando-a e analisando a mesma.

Para a realização deste estudo seguiram-se duas metodologias opostas: a observação e a realização de um questionário.

A observação foi fundamental para obter os dados necessários para o estudo comparado, tendo sido uma “observação sistemática” (com planeamento e condições controladas para responder à questão principal do tema), “individual” e “na vida real” tendo sido efectuada de forma individual e com registo de dados à medida que os mesmos ocorriam (Silva e Menezes, 2001).

No caso da SIC, a observação foi feita de forma direta e na redação, enquanto para os outros três canais optou-se por uma observação indireta em que foi necessário recorrer à opção de gravação de uma box de uma operadora de telecomunicações para ser possível visualizar todos os jornais fora do horário do estágio.

A segunda metodologia utilizada e seguindo as pistas de Silva e Menezes (2001), foi a realização de um questionário em que foram ordenadas várias questões que foram posteriormente respondidas por jornalistas que trabalham em redações televisivas.

O questionário contém questões abertas, fechadas e de escolha múltipla. Foi realizado a jornalistas da SIC, TVI, RTP e Porto Canal e encontra-se no anexo 1 deste relatório.

A observação foi feita em três semanas diferentes correspondentes também a três meses diferentes (Maio, Junho e Julho).

### 4.3 Análise de imprensa escrita e jornais televisivos

“ Se o leitor tiver alguém que lhe conte duas histórias comparáveis com igual número de factos e que apenas diferem porque numa delas alguns dos factos têm elevado conteúdo emocional, o leitor lembrar-se-á de um número muito maior de pormenores da história emotiva do que da outra”  
António Damásio (2000)

O jornalismo televisivo deve ser considerado “como um dos principais veículos de conhecimento e promoção de produção de sentido sobre a realidade existente no nosso quotidiano, de modo, a que se possa construir a realidade social enquanto realidade pública. (Brandão, 2009).

Nuno Brandão refere ainda a importância da televisão que “privilegia os acontecimentos extraordinários sobre os ordinários, os excepcionais sobre os quotidianos, os exclusivos sobre os comuns” de modo a dar à audiência aquilo que ela procura.

Considerou-se pertinente a realização deste estudo comparado para ser possível avaliar se a imprensa escrita influencia os conteúdos dos jornais televisivos e quais os jornais que servem que fonte para a realização dessas mesmas reportagens.

Os dados recolhidos encontram-se nas tabelas 1, 2 e 3 que se seguem.

**Tabela 1 – Dados da semana de 9 a 15 de Maio**

<b>Canal Televisivo</b>	<b>Nº de notícias de imprensa escrita</b>	<b>Fonte de jornal impresso</b>
<b>SIC  (“Jornal da Noite”)</b>	2	Diário de Notícias e Jornal de Notícias
<b>TVI  (“Jornal das 8”)</b>	1	Jornal de Notícias
<b>RTP  (Telejornal)</b>	0	

Durante a semana de 9 a 15 de Maio, a SIC e a TVI transmitiram uma reportagem em que as informações foram divulgadas pelo Jornal de Notícias desse mesmo dia sobre o tema “Barrigas de aluguer aprovadas com votos do PSD”.

A SIC noticiou ainda um assalto com base em informações do Diário de Notícias.

Durante o visionamento dos jornais da RTP, não foi perceptível nenhuma reportagem com base na imprensa escrita.

Já a CMTV emitiu, durante a mesma semana, 35 reportagens que também estavam presentes no jornal Correio da manhã e que passavam por temas desde crimes passionais, assaltos, corrupção e vida social.

**Tabela 2 – Dados da semana de 13 a 19 de Junho**

<b>Canal Televisivo</b>	<b>Nº de notícias de imprensa escrita</b>	<b>Fonte de jornal impresso</b>
<b>SIC ("Jornal da Noite")</b>	4	Jornal de notícias e L'equipe
<b>TVI ("Jornal das 8")</b>	2	Jornal de notícias
<b>RTP (Telejornal)</b>	1	Jornal de notícias
<b>CMTV (CM Jornal 20H)</b>	42	Correio da Manhã

Uma das notícias em comum entre SIC e TVI foi retirada do Jornal de Notícias e tinha como tema “Doutorados dão aulas no superior por 650€”<sup>5</sup>. Os dois canais noticiaram ainda um assalto a uma casa em Esposende também noticiada em primeira mão pelo Jornal de Notícias.

Ainda nessa semana, SIC, e RTP emitiram reportagens sobre o encerramento de camas por falta de enfermeiros nos hospitais, tendo ambos os canais retirado informações do Jornal de Notícias.

A imprensa escrita internacional também foi utilizada no decorrer desta semana, sendo o jornal francês L'équipe a fonte para as informações que constaram na reportagem da SIC sobre o ataque do Treinador da Islândia a Pepe e Cristiano Ronaldo.

A CMTV perfez um total de 42 notícias retiradas do jornal impresso Correio da Manhã.

A maioria delas estava relacionada com temas como crimes de várias ordens (desde homicídios a violência doméstica) e notícias sobre acidentes, quer em terra quer em mar, e desporto.

<sup>5</sup> A notícia encontra-se presente no anexo II deste relatório

A semana ficou ainda marcada pelo atentado a uma discoteca em Orlando na América, no dia 12, que ocupou grande parte dos noticiários durante vários dias no decorrer da semana de 13 a 19 de Junho.

**Tabela 3 – Dados da semana de 18 a 22 de Julho**

<b>Canal Televisivo</b>	<b>Nº de notícias de imprensa escrita</b>	<b>Fonte de jornal impresso</b>
<b>SIC (“Jornal da Noite”)</b>	3	Jornal de Notícias e Diário de Notícias
<b>TVI (“Jornal das 8”)</b>	1	Diário de Notícias
<b>RTP (Telejornal)</b>	1	Jornal de Notícias
<b>CMTV (CM Jornal 20H)</b>	38	Correio da Manhã

A redação da SIC, no Porto, redigiu e editou três notícias que tiveram como fonte a imprensa escrita. As três notícias tiveram temas diversificados, uma delas tinha como assunto um treinador que abusou sexualmente um menino<sup>6</sup>, uma outra sobre médicos investigados por fraude ao serviço nacional de saúde, ambas as informações foram retiradas do Jornal de Notícias, e ainda uma terceira reportagem sobre o fim das notas nas provas de aferição, noticiada pelo Diário de Notícias.

A RTP também emitiu uma reportagem com base em informações da imprensa escrita, nomeadamente sobre a fraude ao serviço nacional de saúde em que a fonte, como aconteceu com a SIC, foi o Jornal de Notícias).

Por sua vez a TVI, emitiu uma reportagem com base em dados divulgados pelo Diário de Notícias sobre o fim das notas nas provas de aferição como sucedeu com a SIC.

A semana de 18 a 22 de Julho ficou ainda marcada por um ataque terrorista em Nice, França.

Com o atentado em Nice, as redações televisivas não tiveram a necessidade de usar notícias da imprensa escrita para realizar reportagens, uma vez que optaram por diariamente atualizar as informações que chegavam sobre os dados do atentado.

<sup>6</sup> Notícia que pode ser encontrada no anexo III deste relatório



Por sua vez, a CMTV também noticiou o atentado, mas, ainda assim, durante a semana teve 38 reportagens, cujo conteúdo estava presente no jornal Correio da Manhã, sobre os mais diversos temas da atualidade.

Uma vez que duas das semanas previamente escolhidas tiveram como tema de informação principal os atentados ocorridos em Orlando e em Nice, foram ainda observados, apenas na redação da SIC do Porto, mais alguns dias de forma a tentar estabelecer um padrão em relação ao uso da imprensa escrita como fonte para a realização de reportagens televisivas.

Na última semana de Julho, os jornalistas da SIC realizaram, no total, 5 reportagens com recurso a informações da imprensa escrita.

#### 4.4 Resultados do questionário realizado

Para perceber o impacto da influência da imprensa escrita no dia-a-dia dos jornalistas foi realizado um inquérito a vários profissionais de redações de televisão de canais como: SIC, TVI, RTP e Porto Canal.

É importante ressaltar que não foi possível obter dados referentes aos jornalistas da CMTV, que se mostraram indisponíveis para responder ao questionário.

Desta forma, considerou-se oportuno solicitar a ajuda dos jornalistas do Porto Canal, no preenchimento do questionário.

O Porto Canal tem a particularidade de, diariamente, um jornalista ficar o dia todo na redação ocupando o cargo de redactor. O redactor tem como principal função fazer reportagens apenas com base nas informações divulgadas pela imprensa escrita, o que faz com que diariamente, no “Jornal Diário” do Porto Canal, sejam emitidas reportagens com base da imprensa escrita.

O inquérito foi realizado em formato *online* através da ferramenta “Formulários do Google”. Após a estruturação e revisão, foi enviado via email para as produtoras dos respetivos canais, acima mencionados, que se encarregarem cordialmente de reencaminhar o link do inquérito para os jornalistas das redações.

Ao todo foram obtidas 70 respostas.

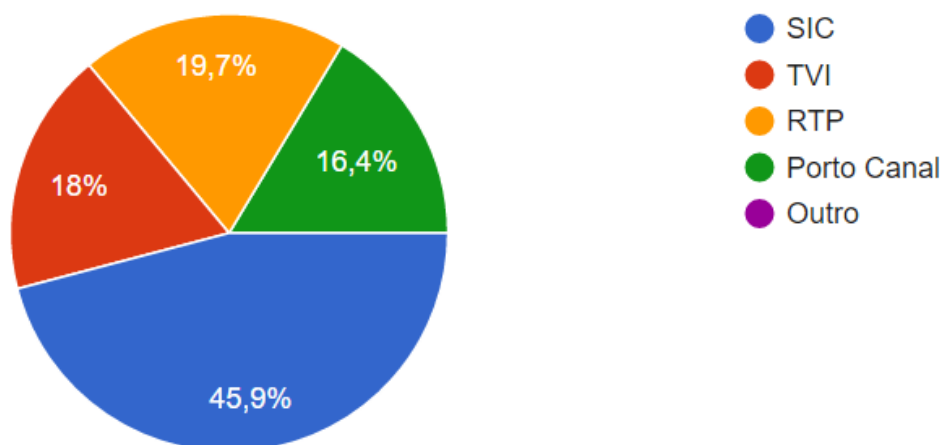
Nas próximas páginas deste relatório serão apresentadas e analisadas essas respostas.

A primeira pergunta pedia que os jornalistas indicassem o órgão de comunicação social no qual exercem funções.

Como se pode ver pelo gráfico 1, apresentado abaixo, a maioria das respostas (45,9%) é relativa a jornalistas que trabalham com a SIC, seguindo-se a RTP com 19,7%, a TVI com 18% e o Porto Canal com 16,4%.

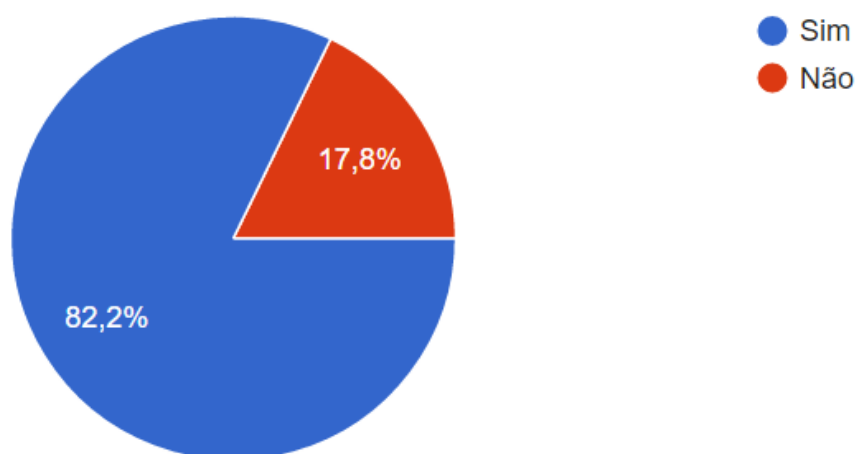
Convém referir que os valores poderiam ser mais elevados, porém no momento da difusão do inquérito, nas várias redações, havia jornalistas que se encontravam de férias, fora do país ou que não se disponibilizaram para responder.

**Gráfico 1 – Respostas à pergunta “Órgão de Comunicação em que desempenha funções?”**



Com a segunda pergunta, o objetivo era perceber de que forma a imprensa escrita funciona como fonte para a realização de reportagens televisivas à qual os inquiridos responderam, na maioria, positivamente. 82,2 % dos inquiridos consideram como fonte as notícias difundidas pela imprensa escrita, como se pode ver pelo gráfico 2.

**Gráfico 2 – Respostas à pergunta “Considera a Imprensa Escrita como fonte para a realização de reportagens?”**



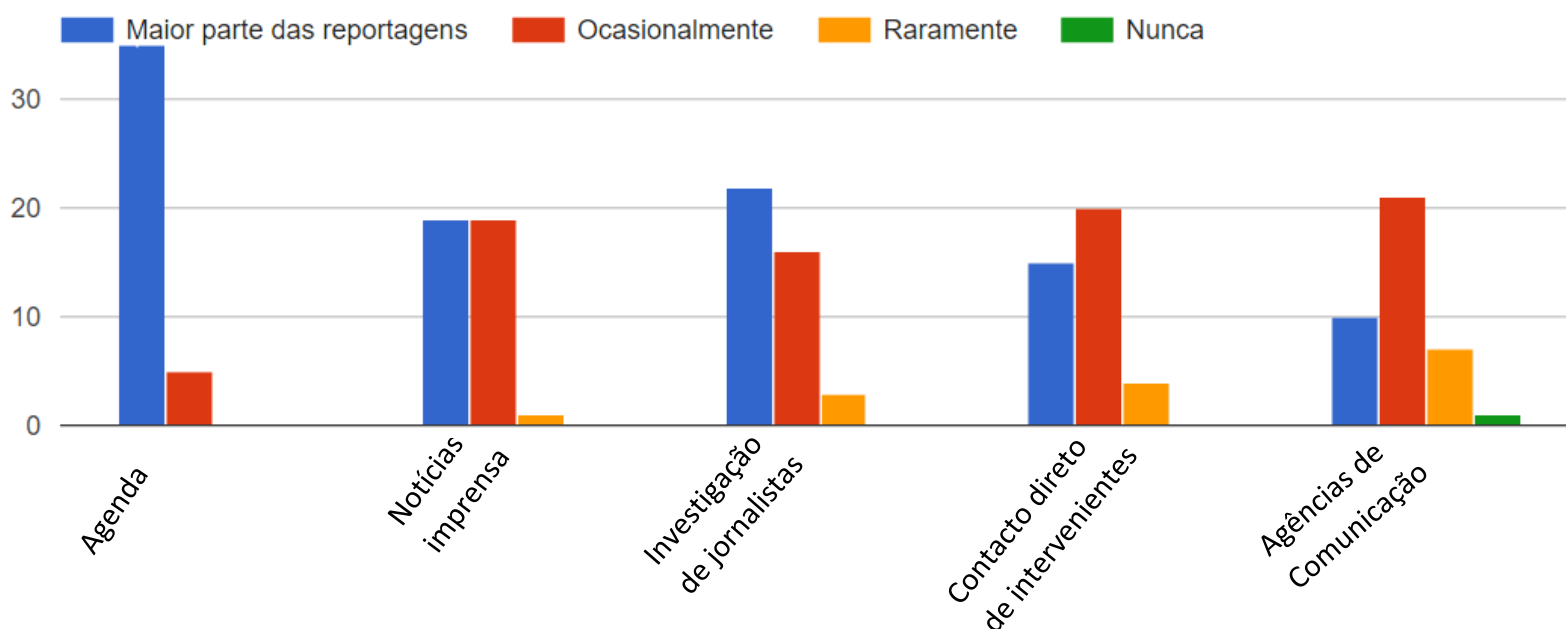
De âmbito mais geral, a terceira pergunta centrava-se na origem das fontes de informação utilizadas pelos jornalistas, tendo sido dadas como opções o trabalho dos produtores com o serviço de agenda, notícias da imprensa escrita, investigação pessoal dos jornalistas, contato direto dos intervenientes (Chamadas telefónicas, emails,...) e agências de comunicação.

O gráfico abaixo (gráfico 3) indica-nos as respostas dos inquiridos, onde se pode avaliar as fontes mais utilizadas para a realização de reportagens televisivas.

Os serviços marcados pela agenda, ou seja, o trabalho dos produtores das redações são aqueles que servem de fonte para a generalidade das reportagens, seguidos da investigação pessoal que os jornalistas fazem por conta própria e em terceiro lugar aparece a imprensa como fonte para as reportagens televisivas.

Para os inquiridos, o contato direto dos intervenientes num determinado acontecimento e as agências de comunicação apenas ocasionalmente representam fontes de informação.

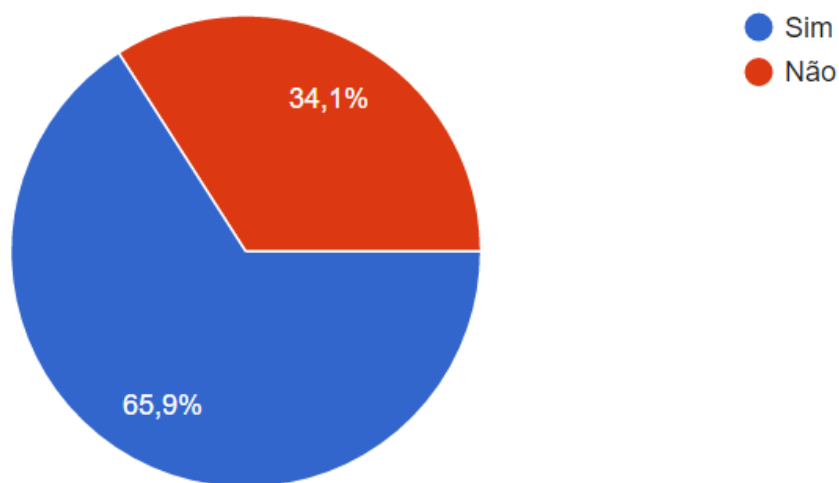
**Gráfico 3 – Resposta à pergunta “Tendo em conta o seu trabalho diário, quais são as principais fontes das reportagens que realiza?”**



Considerou-se também pertinente averiguar se, na opinião dos jornalistas, a utilização da imprensa escrita como fonte de informação é uma tendência recente ou recorrente.

O Gráfico 4, mostra que a maioria dos inquiridos, cerca de 65%, considera esta utilização recente contra 34% que considera o contrário.

**Gráfico 4 – Respostas à pergunta “Considera uma tendência recente a utilização da imprensa escrita como fonte para a realização de reportagens televisivas?”**



A quinta pergunta do inquérito está diretamente relacionada com a utilização da imprensa escrita, sendo que foi pedido aos jornalistas que indicassem as possíveis causas dessa prática.

Algumas das respostas foram:

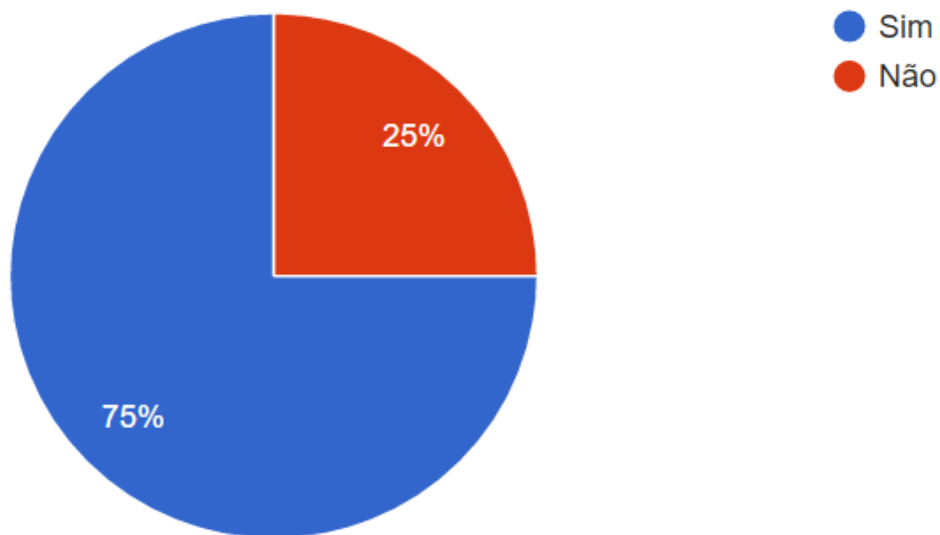
“Necessidade dos *media* televisivos procurarem demonstrar um acompanhamento da actualidade local, e cujos dados dependem muitas vezes das matérias publicadas na imprensa escrita.”

“Os jornais têm mais tempo para a investigação”

“Os jornais tem mais jornalistas para procurar notícias”

Com a pergunta nº 6, do inquérito, pretendeu-se perceber se tem havido um acréscimo de reportagens com base na imprensa escrita, ao que 75% dos inquiridos responderam afirmativamente. Apenas 25% não concordam com este aumento no uso da imprensa escrita como fonte para as reportagens, resultados visíveis no gráfico número 5.

**Gráfico 5 – Respostas à pergunta “tem havido um acréscimo de reportagens com base em banca de jornal?”**

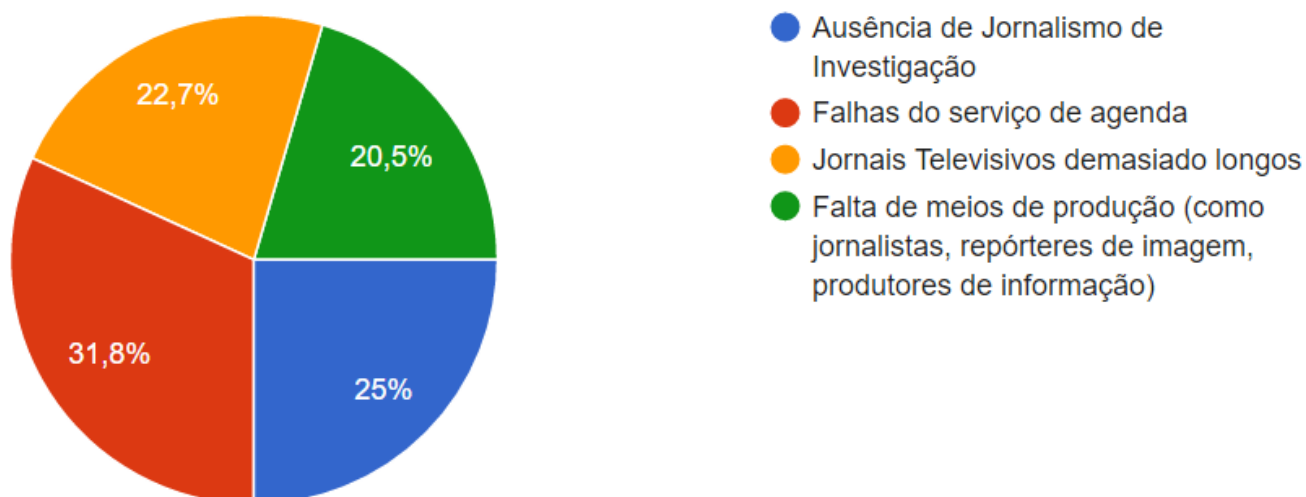


Já quanto aos motivos que podem levar ao recurso à imprensa escrita por parte das redações televisivas, aí as opiniões dividem-se.

Na pergunta 7, foram então dadas quatro opções diferentes: a ausência de jornalismo de investigação; falhas nos serviços marcados na agenda; jornais televisivos demasiado longos; e falta de meios de produção (ou seja, a falta de produtores de informação e jornalistas que possam recolher informações em primeira mão).

As opiniões foram repartidas, mas as falhas no serviço de agenda foi o motivo apontado por um maior número de inquiridos.

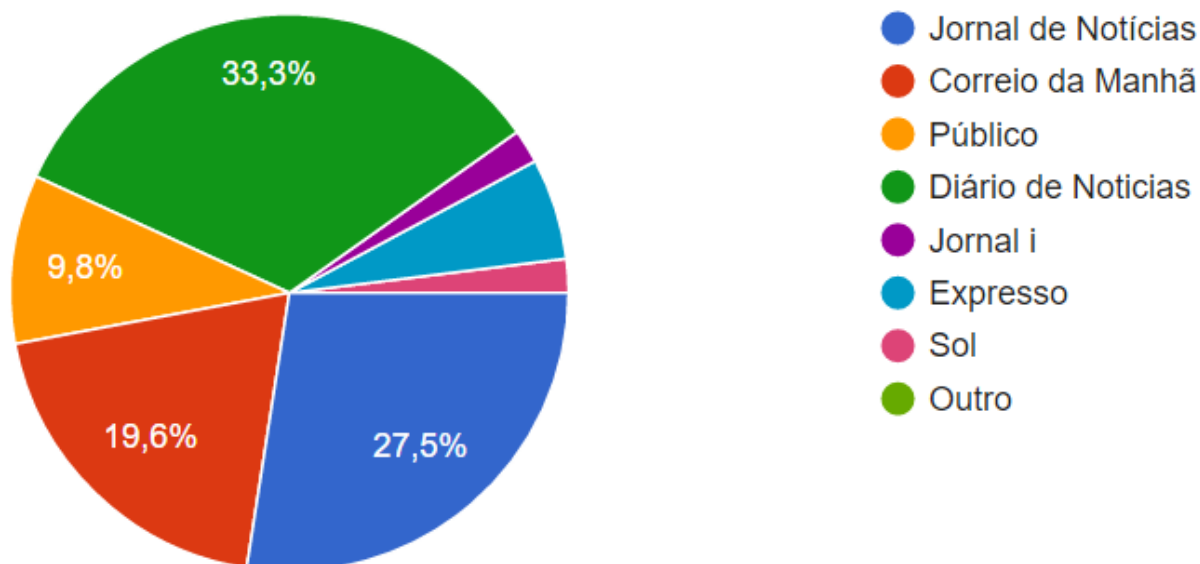
**Gráfico 6 – Respostas à pergunta “A que se deve esse recurso à banca de jornais?”**



Segundo foi possível apurar pelo resultado da pergunta 8, os jornalistas consideram que existem órgãos de imprensa escrita que influenciam em maior número em detrimento de outros.

No topo dessa influência, os inquiridos consideraram o Diário de Notícias, com 33% de respostas, seguido do Jornal de Notícias e do Correio da Manhã.

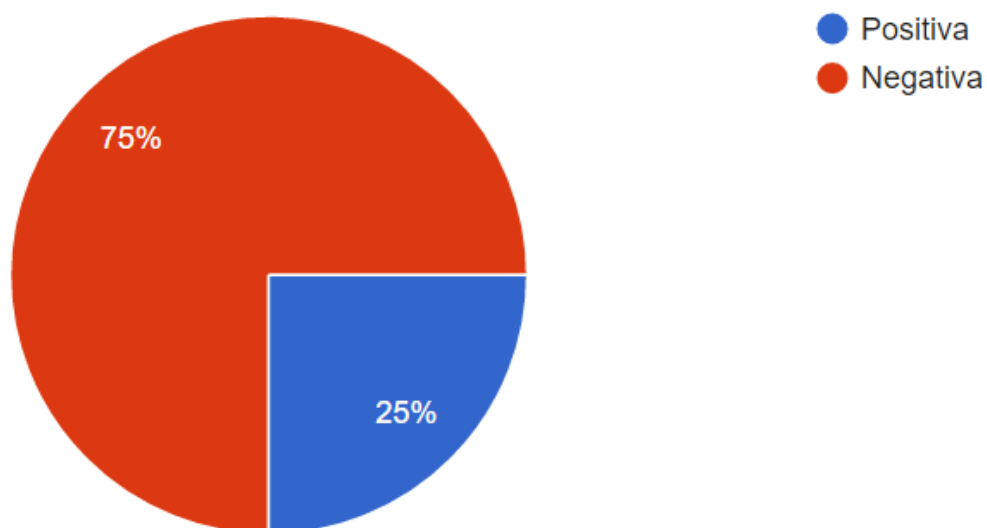
**Gráfico 7 – Respostas à pergunta “Qual dos seguintes órgão de imprensa escrita influencia mais as redações dos canais televisivos?”**



Como o tema principal deste relatório se prende com a influência da imprensa escrita, uma pergunta obrigatória era se os jornalistas consideram essa influência positiva ou negativa.

Os dados da pergunta 9 mostram que a maioria dos inquiridos, 75%, considera esse efeito negativo contra 25%, que o consideram positivo.

**Gráfico 8 – Respostas à pergunta “Essa influência, na sua opinião, é positiva ou negativa?”**





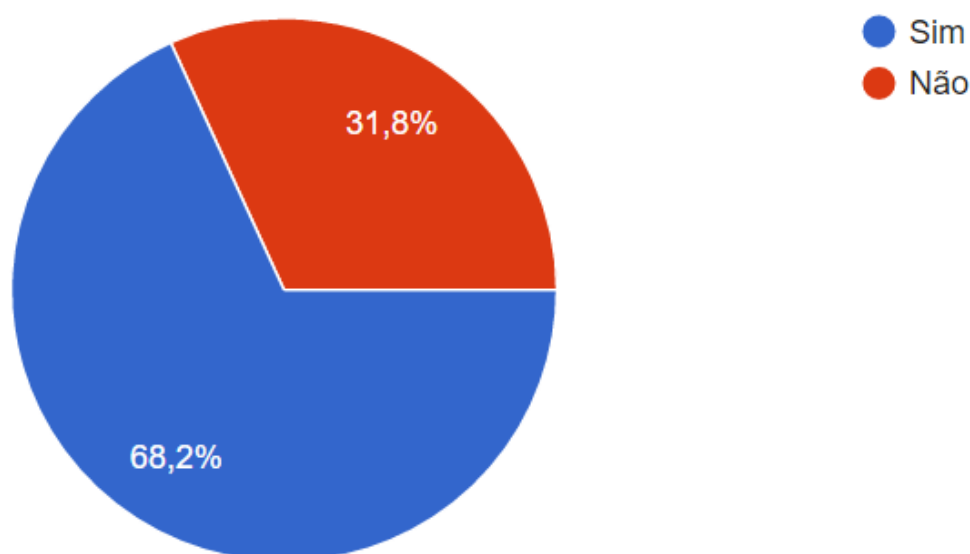
Os jornalistas que consideram negativa a influência da imprensa escrita nas redações televisivas apontam vários fundamentos para essa opinião. Algumas dessas razões foram:

- “Perdem-se as bases do jornalismo (investigação)”
- “são por norma assuntos superficiais, tragédias, acidentes, desgraças, estudos banais”
- “O tipo de jornalismo praticado não é o ideal. Não cumpre o Código Deontológico”
- “Torna os jornais desagradáveis”
- “Toda a intervenção jornalística é condicionada por um órgão de informação. Leva a cada vez menos autonomia, menos investigação e menos capacidade de gerar e descobrir notícias.”
- “Porque acaba por seguir uma corrente pouco pessoal.”

Na última pergunta, os jornalistas foram questionados sobre o carácter sensacionalistas que os jornais televisivos podem adquirir com o uso da imprensa escrita como fonte.

Cerca de 68% dos inquiridos considera que essas reportagens acabam por conceder aos jornais televisivos um carácter realmente sensacionalista.

**Gráfico 9 – Respostas à pergunta “Na sua opinião, essas reportagens estão a tornar os jornais televisivos mais sensacionalistas?”**



## 5. Análise e discussão

Para se perceber melhor até que ponto a quantidade das notícias que tiveram como fonte a imprensa escrita é ou não relevante para as redacções foi também importante contabilizar a quantidade de notícias que cada telejornal tinha nas diferentes estações televisivas.

Antes de se avançar com a análise dos dados recolhidos, quer na observação e visionamento dos jornais televisivos quer nos questionários, é importante ressaltar que uma forma de perceber se as notícias eram realmente baseadas na imprensa escrita implicou ouvir atentamente os vários telejornais. Quando essa origem é assinalada (por exemplo: “como notícia o JN”, “segundo o Publico”, “com base em dados do Diário de notícias”) sabe-se prontamente que a reportagem tinha é feita com informações retiradas da imprensa escrita. Outra forma de perceber a ausência de trabalho de campo dos jornalistas e o uso exclusivo da imprensa escrita passava por avaliar se as reportagens tinham “vivos” (entrevistas).

Relativamente à análise do tema, e para obter dados mais concretos, foram também avaliadas a quantidade de notícias que cada noticiário tinha nas semanas escolhidas para análise: o “Jornal da Noite” da SIC teve uma média diária entre 20 a 25 reportagens; o “Jornal das 8” da TVI teve entre 23 – 28, o “Telejornal” da RTP tinha um pouco menos, tendo cerca de 20 notícias por dia no jornal e o “CM Jornal 20h” teve uma média entre 15 e 20 notícias por jornal durante as semanas avaliadas.

A semana de 9 a 13 de Maio foi a que registou um menor número de reportagens que tiveram como fonte a imprensa escrita.

No Jornal da Noite da SIC apenas duas reportagens foram correspondentes a notícias do Diário de Notícias (DN) e Jornal de Notícias (JN) enquanto a TVI teve apenas uma notícia que teve como fonte o Jornal de Notícias.

No caso da RTP não foi perceptível nenhuma notícia com base na imprensa escrita.

Já o “CM Jornal 20H” da CMTV teve durante a semana, um total de 35 notícias que se podiam também encontrar no jornal impresso do mesmo grupo, Correio da Manhã.

A semana escolhida no mês de Junho foi a que teve, no geral, o número mais elevado de reportagens realizadas com base nas informações da imprensa escrita.

Nesse mês, entre os dias 13 e 19, a redação da SIC do Porto fez quatro reportagens com base na imprensa escrita, tendo uma delas sido baseada em imprensa internacional (Jornal L'equipe) e as restantes no Jornal de Notícias.

Nesse mesmo período de tempo, a TVI emitiu duas notícias em que a fonte foi o também o Jornal de Notícias.

A RTP também acedeu à imprensa escrita, Jornal de Notícias, para recolha de informações para uma das suas reportagens.

A CMTV teve um total de 42 notícias retiradas do seu jornal impresso, Correio da Manhã.

Em Julho, entre dia 18 e 22, a TVI emitiu apenas notícia com base na imprensa escrita, ao contrário da SIC, que no seu “Jornal da Noite” teve três notícias com informações recolhidas do Jornal de Notícias e do Diário de Notícias. A RTP também emitiu uma reportagem com no Jornal de Notícias divulgando as mesmas informações que a SIC no caso da fraude ao serviço nacional de saúde.

No mesmo período de tempo, a CMTV transmitiu 38 notícias que também podiam ser encontradas nas páginas do jornal Correio da Manhã.

É possível perceber que o CMTV é o canal que mais reportagens tem com base na imprensa escrita, principalmente por se basear no jornal do mesmo grupo, no período das três semanas em estudo a CMTV emitiu um total de 115 notícias com base no seu jornal impresso.

No mesmo período de tempo, entre SIC, TVI e RTP, a SIC foi o canal de televisão que utilizou em maior número as informações da imprensa escrita para a realização de reportagens, um total de nove. Enquanto a TVI emitiu quatro reportagens com base em informações na imprensa escrita e a RTP, no mesmo período de tempo, emitiu apenas duas reportagens.

Pelo tema das notícias e a quantidade das mesmas, podemos afirmar que a RTP, recorre ocasionalmente às informações da imprensa escrita e restringe mais o tema das reportagens.

Quanto aos jornais impressos para a realização das reportagens já referidas, à excepção da CMTV que recorre em exclusivo ao jornal Correio da Manhã. O Jornal de Notícias foi o que mais influenciou as reportagens televisivas, em que das 15 reportagens realizadas com base na imprensa escrita, 11 partiram de informações desse mesmo jornal, enquanto três

notícias tiveram como fonte o Diário de Notícias e uma outra com base no jornal francês L'équipe.

O Jornal de Notícias foi assim o jornal mais utilizado para a realização das reportagens.

A decisão na escolha das reportagens parte dos coordenadores dos respetivos telejornais, que por vezes recorrem à imprensa escrita para colmatar lacunas motivadas por falhas nos serviços de agenda ou cancelamento de entrevistas/reportagens, ou simplesmente para criar relações emocionais com os telespectadores dando-lhes aquilo que os mesmos procuram.

Uma vez que não existe informação viável sobre este assunto considerou-se pertinente realizar um questionário de forma a perceber qual a opinião dos profissionais que trabalham diariamente nas redações televisivas e que fazem eles próprios as peças com base na imprensa escrita.

De todos os inquiridos, 70 no total, cerca de 50% pertencem ao canal televisivo SIC, enquanto os restantes 50% estão divididos entre a TVI, RTP e Porto Canal.

É importante frisar uma vez mais, que não foi possível obter respostas por parte dos colaboradores da CMTV, tendo-se optado pelos jornalistas do Porto Canal.

A maioria dos inquiridos considera que a imprensa escrita, nos seus locais de trabalho, funciona como fonte para reportagens, porém, e segundo os resultados do inquérito, a Agenda e o trabalho feito pelos produtores dos canais continua a ser a maior fonte de informação.

Quanto à imprensa escrita como fonte de informação, cerca de 48% dos inquiridos consideram que o seu uso é feito na maioria das reportagens, outros 48% consideram que só acontece ocasionalmente e 4% dos inquiridos afirmaram que raramente fazem uso da imprensa escrita.

A maioria dos jornalistas considerou ainda uma tendência recente a utilização dos jornais impressos como fonte para reportagens televisivas num total de 65,9% de resposta a esse favor contra 34,1% que consideram que a tendência é antiga, sendo que desde há muitos anos a esta parte é utilizada a imprensa escrita como fonte para reportagens.

As perguntas 5 e 7 pediam aos inquiridos que indicassem as causas que levam ao uso da imprensa escrita assim como os motivos que levam os coordenadores das respetivas redações a optarem por se apoiarem nos meios de comunicação impressos.

As respostas da pergunta 5 vão ao encontro das respostas à pergunta 7 em que os inquiridos consideram que as falhas nos serviços de agenda são um dos principais motivos para o uso da imprensa escrita, sendo que os jornalistas também apontaram como outras opções a ausência de jornalismo de investigação (que também foi considerada uma causa para o aumento do uso de imprensa escrita), assim como os jornais serem demasiado longos e a falta de meios de produção onde estão incluídos todos os colaboradores de uma redação, desde produtores, jornalistas e repórteres de imagem.

Foi ainda pertinente questionar os mesmos sobre qual o órgão da imprensa escrita que mais influencia as televisões, sendo que as respostas foram ao encontro da observação feita durante as três semanas. Os jornalistas consideraram o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias como as principais fontes de informação, estando o Correio da Manhã em terceiro lugar, com 20% das respostas obtidas.

Para se poder discutir e concluir a influência da imprensa na televisão, também foi necessário ouvir a voz dos profissionais a esse respeito. 75% dos jornalistas considera que essa influencia é negativa e apontam várias razões para essa escolha que estão principalmente relacionadas com a perda de conteúdos informativos de qualidade, que acaba por não cumprir o código deontológico e porque torna os telejornais sensacionalistas, o que vai contra o esperado pois acabam por não abordar os temas da maneira mais correta e eficaz.

E porque o sensacionalismo é um tema recorrente nas conversas entre a classe jornalística, 68,2% dos inquiridos consideram que os jornais televisivos adquirem um carácter sensacionalista quando se faz uso da imprensa escrita como fonte de informação.

Esta análise permite mostrar que, por vezes, e segundo a opinião dos jornalistas inquiridos, as reportagens dos jornais televisivos que são feitas com base na imprensa escrita acrescentam um carácter sensacionalista aos telejornais. Mas o tema do sensacionalismo não será abordado neste relatório.

## **Considerações Finais**

O jornalismo já foi considerado o “quarto poder” contribuindo, atualmente, para a construção da realidade na chamada esfera pública uma vez que são os meios de comunicação que “determinam os acontecimentos a transformar em notícia” (Brandão, 2006).

Sabe-se ainda que a informação é o elemento principal para todos os meios de comunicação social, adquirindo um papel de relevo principalmente na imprensa escrita e na televisão. Os leitores e telespectadores recorrem a estes dois meios de comunicação para se actualizarem sobre as notícias nacionais e internacionais.

Ao contrário da imprensa, a televisão “não exige apenas o domínio da visão, envolvendo também a audição, o que provoca mudanças na forma como o receptor da informação se relacionada com a comunicação de massas (Lopes, 2008)

A televisão é um desses meios de comunicação que divulga informação.

Os telejornais são “diariamente uma fonte de informação para milhões de portugueses”, a televisão tem um enorme poder de visibilidade e “ainda uma responsabilidade acrescida na informação que disponibiliza aos seus telespectadores, e na sua formação como cidadãos” sendo, por vezes, o único meio de acesso à informação (Brandão, 2006).

A realização deste estudo comparado assenta nos objetivos inicialmente propostos que se focavam na influência que a imprensa escrita tem nas redações televisivas.

Foi possível ter a perceção das notícias que são feitas com base na imprensa escrita, principalmente nos canais de televisão privados.

Esse é um dos dados que merece destaque e que se prende na diferença da quantidade de notícias de imprensa escrita que são usadas por canais privados e pelo canal publico. Estes dados dão assim a possibilidade de perceber as diferenças entre os dois tipos de canais.

É importante referir novamente que, ao longo deste estudo, a RTP foi a estação de televisão que menos notícias emitiu com base na imprensa escrita.

Na perspetiva de Felisbela Lopes (2008), não existe um jornalismo para o serviço público e outra para os canais privados, mas pode haver, sim, uma diferença na especificação da informação do serviço público.

Os jornalistas dos canais públicos e privados partilham o mesmo código deontológico e ético e têm exatamente os mesmos direitos e obrigações que são intrínsecos à profissão, mas as diferenças entre serviço público e privado de televisão prendem-se com a “engenharia de programação e prioridades” (Lopes, 2008).

Os Jornalistas da RTP e a própria estação de televisão estão sujeitos ao Contrato de Concessão de Serviço Público que obriga a cuidados especiais com, no caso da informação, “uma linha editorial diversificada e promotora da cidadania”, havendo uma “maior atenção ao equilíbrio/diversidade ou identidade nacional”.

A RTP, como operadora pública de televisão, está assim regida por condições e princípios que pressupõem que as informações transmitidas sejam objectivas e factuais, não havendo lugar para o sensacionalismo.

Porém, e tal como acontece com os canais privados, a RTP também precisa de audiências e, atualmente, não evita o uso de notícias de imprensa escrita, ainda que ocasionalmente. Os resultados deste estudo comparado provam isso mesmo, apesar de um número bem mais reduzido, também a RTP emite notícias que tiveram como fonte a imprensa escrita.

A diferença dos resultados entre canais televisivos públicos e privados prende-se ainda com a quantidade de funcionários de cada canal.

Para que a RTP não tenha uma necessidade tão elevada de recorrer à imprensa escrita para a realização de reportagens é preciso que tenha nas suas redações meios humanos suficientes para a procura “em primeira mão” de informações e acontecimentos, o que não está a acontecer nas redações dos canais privados.

No caso de SIC, TVI e CMTV, estes canais de televisão privados não são regidos por contratos com o Estado Português e têm uma maior liberdade editorial cabendo aos seus diretores e coordenadores a escolha das notícias e informações que devem ou não ser divulgadas. Mas os canais privados, nomeadamente SIC e TVI, têm menos meios, quer físicos

quer humanos, para conseguir alcançar uma grande área territorial e enviar para a rua jornalistas e repórteres de imagem suficientes para cobrir todos os acontecimentos, sem necessidade de recorrer à imprensa escrita.

Para além dos meios humanos e físicos, a questão económica também conta no momento da decisão de enviar os jornalistas para o trabalho de campo ou de optar (sendo esta a opção mais económica) por deixar esses mesmos jornalistas a trabalhar dentro das paredes das redações.

A CMTV foi o canal de televisão que registou um maior número de notícias com base na imprensa escrita e o Correio da Manhã, do mesmo grupo económico, foi o jornal escolhido como principal fonte. É comum, na atualidade, encontrar na imprensa escrita jornais que dão prioridade a temas mais populares como acidentes, homicídios ou assaltos, como foi observado na análise ao noticiário da CMTV.

Ainda que em menor número e grau, nos restantes telejornais esses temas também podem ser encontrados o que leva à discussão sobre um eventual aumento do carácter sensacionalista da informação televisiva..

Os resultados do inquérito realizado aos jornalistas mostram que a maioria dos inquiridos considera que as reportagens feitas com base na imprensa escrita tornam os telejornais sensacionalistas e são uma influência negativa para a informação em televisão. Ainda assim, não existem estudos que comprovem que a imprensa escrita influencia de forma sensacionalista a televisão.

Em causa neste estudo esteve também o tipo de notícias que preenchem as grelhas dos telejornais portugueses.

No caso específico da televisão, os acontecimentos mais inesperados são aqueles que recebem um maior destaque e uma cobertura imediata prevalecendo o domínio da chamada informação–espectáculo, mas quando esses acontecimentos não são suficientes para preencher os alinhamentos dos jornais, ou quando não existem meios físicos e humanos para fazer a cobertura de acontecimentos, os coordenadores dos jornais televisivos optam por usar as informações divulgadas pela imprensa escrita.



## **Influência da imprensa escrita na redação da SIC no Porto**

O caso SIC é aquele de que posso falar com mais convicção pois foi o cenário que acompanhei de perto.

A ideia para este estudo comparado surgiu durante o mês de Maio, quando me apercebi da utilização dos jornais impressos para fazer reportagens. A decisão final sobre o tema deste relatório coincidiu com a última semana de Maio. Ora nessa semana, durante três dias, os jornalistas da delegação apenas fizeram notícias com base na imprensa escrita.

De acordo com os jornalistas em causa este fenómeno tem vindo a aumentar. Serve, dizem, para colmatar falhas e para procurar audiências com recurso a *fait divers*.

No caso da redação da SIC no Porto, todas as reportagens feitas com o suporte da imprensa escrita foram todas encomendadas pelos coordenadores da redação de Lisboa. Sendo estes coordenadores que decidem o alinhamento dos telejornais do canal e as informações que merecem destaque durante a emissão dos mesmos.

Como já referido anteriormente, e com base nas observações enquanto estagiária da redação, muitas vezes o recurso à imprensa escrita acontece quando não havia meios suficientes para cobrir o acontecimento ou para evitar custos com as deslocações dos jornalistas e respetivos repórteres de imagem aos locais.

Durante o período de estágio pude ainda observar que uma parte significativa dessas notícias reportava a casos de crime e acidentes que haviam feito manchete nos jornais impressos.

Como estagiária da redação tive ainda a oportunidade de acompanhar por diversas vezes todo o processo de realização de reportagens a partir de dados da imprensa escrita. A percepção dos jornalistas sobre este fenómeno motivou a realização do inquérito, cujos dados foram anteriormente apresentados.

## Conclusão

“A televisão funciona como os partidos políticos: ambos dão ao público aquilo que é suposto o público gostar”

(Santos, 2000)

O presente relatório deu-me a oportunidade de refletir sobre a televisão e o seu papel na vida dos telespectadores. É uma tentativa de alargar conhecimentos sobre a imprensa escrita e sobre os critérios de noticiabilidade do jornalismo televisivo.

A televisão é um “modo natural de ver o mundo” (Fiske e Hartley apud Sobral, 2009) e procura cada vez mais prender o telespectador, “preenche espaços de lazer e condiciona a tomada de decisões” (Fernandes, 2001).

Ao contrário da imprensa, a televisão não exige apenas o domínio da visão, envolvendo também a audição, o que provoca mudanças na forma como o receptor da informação se relacionada com a comunicação de massas (Lopes, 2008).

Ainda que em processo de profunda mutação, continua a ser impossível negar que “ a televisão não só exerce influências culturais, como também reflete a identidade cultural das sociedades.” (Sobral, 2009) ajudando na construção da realidade em que cabe à televisão decidir que tipo de acontecimentos merecem ser de conhecimento dos telespectadores.

Mas, para que exista essa construção da realidade, é necessário que os acontecimentos sejam transmitidos de forma correta. A linguagem televisiva torna-se um elemento importante uma vez que a linguagem televisiva “simplifica a mensagem promovendo, desta forma, a homogeneização cultural; (...) recorre frequentemente à atualização e à modernização” (Rodrigues apud Sobral, 2009) e deve ser elaborada de acordo com os valores-notícia defendidos por autores como Wolf e Traquina.

Os acontecimentos, na informação televisiva, são selecionados de acordo com a prioridade dos temas e a atualidade dos mesmos. Em geral, os acontecimentos imprevisíveis e com impacto são os que recebem uma maior atenção por parte dos telespectadores.

As reportagens televisivas ganham assim uma caráter mais emocional na procura de cativar os telespectadores. Sendo as emoções um ponto importante para o jornalismo, ainda mais o são para o jornalismo televisivo: “tão importante como saber o que alguém pensa sobre determinado assunto é ver/escutar o que diz acerca das vivências que tem de determinada situação” (Lopes, 2008).

Jespers (1998) considera ainda que uma boa reportagem televisiva deve “comportar duas dimensões diferentes: uma dimensão empática que visa a relação entre o espetador e o assunto e uma dimensão de revelação e esclarecimento”, criando assim uma relação mais emocional com o telespectador, mas dando-lhe também toda a contextualização do acontecimento.

Nos diversos telejornais analisados foi possível perceber que existe algum uso da imprensa escrita para a realização de reportagens televisivas, maioritariamente nos casos da CMTV, SIC e TVI.

A RTP, como estação de televisão pública, tem uma “programação informativa que será mais específica dos operadores públicos” seguindo princípios como “continuidade”, “igualdade” e “neutralidade” e valores como “identidade cultural” e “diversidade” (Lopes, 2008) sendo visível que recorre apenas ocasionalmente à imprensa escrita como fonte para as reportagens.

Na qualidade de estagiária tive, a oportunidade, de durante três meses, conviver diariamente com o mundo da “caixa mágica”, o que contribuiu para a experiência profissional que é dos pontos mais importantes quando se entra no mercado de trabalho.

Durante o estágio vi os meus conhecimentos serem enriquecidos diariamente havendo sempre espaço para reter novas informações e novas aprendizagens. Apesar de nenhuma das minhas peças ter sido emitidas no Jornal, foi importante a sua criação uma vez que me “obrigou” a agir como uma verdadeira profissional do jornalismo dando-me a bagagem necessária para entrar no mundo do trabalho e da televisão.

Os profissionais da SIC, no Porto, ajudaram-me a complementar a aprendizagem que já tinha adquirido anteriormente no estágio noutra canal de televisão e a enriquecer os meus

conhecimentos nesta área do jornalismo bem como a melhorar substancialmente as lacunas na área da sonorização e projeção da voz para a gravação das locuções das reportagens.

Um dos destaques do estágio foi a afinidade criada entre mim e todos os elementos da redação. Não existiu o distanciamento que existe, por regra, nas redações principais dos canais televisivos. Todos os elementos da redação do Porto foram acolhedores o que muito contribuiu para o sucesso do estágio.

Não realço nenhum aspeto negativo, o estágio superou as minhas expectativas e foi uma experiência que me permitiu a realização de várias tarefas importantes para a redação (como a produção da peça do Forte da Ínsua) e para aumentar as minhas capacidades profissionais.

A vida é um conjunto de aventuras. O estágio foi uma dessas aventuras que contribuiu positivamente para o meu dia-a-dia e para o meu futuro enquanto profissional de comunicação social.

## Bibliografia

- Beaudichon, J. (1999). *A Comunicação: Processos, formas e aplicações*. Coleção Ciências da Educação século XXI. Porto Editora.
- Brandão, N. G. (2002). *O espectáculo das notícias: a televisão generalista e a abertura dos telejornais*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Brandão, N. G. (2006). *O Papel da televisão na Educação e na Construção Social da realidade*. Revista do SNESup. Consultado a 05/08/2016. [Disponível em: <http://www.snesup.pt/cgi-bin/artigo.pl?id=EEZuZVFyElfSrnWtRU>].
- Brandão, N. G. (2006). *Prime-time: do que falam as notícias dos telejornais*. Cruz Quebrada: Casa das Letras .
- Brandão, N. G. (2009). *As Categorias Temáticas das Notícias dos Telejornais de Horário Nobre Portugueses*. 6º Congresso da SOPCOM. Consultado a 27/07/2016. [disponível em: [http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/426/424](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/426/424)].
- Cádima, F. R. (1996). *O Fenómeno Televisivo*. Círculo de Leitores.
- Cádima, F. R. (2011). *A televisão, o digital e a cultura participativa*. Lisboa: Media XXI.
- Campos, J. (1994). *A Caixa Negra*. Porto: Edições da Universidade Fernando Pessoa.
- Cornu, D. (1999). *Jornalismo e verdade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Crato, N. (1983). *Comunicação Social – A Imprensa*. Presença Editorial.
- Dias, J. S. C. (2005). *Os critérios de noticiabilidade dos noticiários televisivos – Estudo de caso comparativo: RTP1 e TVI*. Monografia. Universidade Fernando Pessoa. Porto. Consultado a 01/09/2016. [Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/813/2/MONOGRAFIAJOANADIAS.pdf>].
- Fernandes, A. P. (2001). *Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa*. Coimbra: Edição Minerva Coimbra.
- Fiske, J. e Hartley, J. (1994). *Reading Television*. Nova Iorque: Routledge

- Fontcuberta, M. (2002). *A notícia: pistas para compreender o mundo*. Trad. Fernando Cascais. Lisboa: Notícias Editorial.
- Ganz, P. (s.d.). *A Reportagem em Rádio e Televisão*. 1ª ed., Lisboa: Editorial Inquérito.
- *Gazeta de Lisboa*. Instituto diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Consultado a 31/07/2016. [disponível em: <https://idi.mne.pt/pt/documentos-efemerides/2-uncategorised/443-gazeta-de-lisboa.html>].
- Gelices, F. L. (s.d.). *A Televisão*. Lisboa: Editora Salvat-do Brasil.
- *Grupo Impresa*. Marcas. Consultado a 31/07/2016. [Disponível em: <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC>].
- *Historial da SIC* – Sociedade Independente de Comunicação, SA. Consultado a 31/07/2016. [Disponível em: <http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historial+SIC+20143159739297477624869.pdf>].
- Jaspers, J-J. (1998). *Jornalismo televisivo: princípios e métodos*. Trad. Rita Amaral. Coimbra: Minerva.
- Larousse. (1974). *Dictionaire Petit Larousse*.
- Leclerc, G. (1999). *A sociedade de comunicação: uma abordagem sociológica e crítica*. Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget.
- Lopes, F. (1999). *O Telejornal e o serviço público*. Coimbra: Coleção Comunicação.
- Lopes, F. (2008). *A TV do real: a televisão e o espaço público*. Coimbra: Minerva.
- McLuhan, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix.
- Miranda, J. A. B. e Silveira, J.F. (2002). *As ciências da comunicação na viragem do século*. Actas do I congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Vega.
- Otero, R. L. (1980). *La información en televisión*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente.

- RTP (2016). *Contrato de concessão do serviço público de televisão*. Consultado a 30 de Julho de 2016. [disponível em <http://media.rtp.pt/institucional/informacao/contrato-de-concessao-publica-radio-etelevisao/>]
- Shannon C. E. e Weaver W. (1964). *The mathematical theory of communication*. The University of Illinois Press. Consultado a 25/07/2016 [Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/be/Shannon\\_Claude\\_E\\_Weaver\\_Warren\\_The\\_Mathematical\\_Theory\\_of\\_Communication\\_1963.pdf](https://monoskop.org/images/b/be/Shannon_Claude_E_Weaver_Warren_The_Mathematical_Theory_of_Communication_1963.pdf)].
- Silva, E. e Menezes, E. (2001). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. Consultado a 4 de Agosto de 2016. [Disponível em: [https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)].
- Sobral, F. A. (2009). *Considerações sobre televisão e cultura*. Repositório do Instituto Politécnico de Viseu. Consultado a 19/07/2016. [Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2352/1/2009%20CONSIDERA%C3%87%C3%95ES%20SOBRE%20TELEVIS%C3%83O%20E%20CULTURA.pdf>].
- Sobral, Filomena Antunes (2012). *Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva*. Millenium.
- Sousa, J. P. (1999). *As notícias e os seus efeitos: as "teorias" do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Minerva. Consultado a 12/07/2016. [Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>].
- Sousa, J. P. (2000). *As notícias e os seus efeitos: as "teorias" do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Minerva.
- Sousa, J. P. (2001). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Porto. Consultado a 12/07/2016. [Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>].
- SOUSA, Jorge Pedro (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. (2ª edição revista e ampliada). *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Consultado a 12/07/2016 [Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>].

- Tengarrinha, J. (1965.). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugália.
- Tengarrinha, J. (1979). *Imprensa*. Dicionário da História de Portugal. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são*. 2. ed. Florianópolis: Insular.
- Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. México: Ediciones G. Gili.
- WOLF, M. (2002). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.



# **Anexos**

**Anexo 1 – Inquérito realizado aos jornalistas**

# Influência da imprensa escrita nas redações televisivas



1- Em que órgão de comunicação social desempenha funções?

- SIC
- TVI
- RTP
- Porto Canal
- Outro:

2- As notícias publicadas na imprensa funcionam como fonte para as reportagens televisivas?

- Sim
- Não

3- Tendo em conta o seu trabalho diário, quais são as principais fontes das reportagens que realiza?

	Maior parte das reportagens	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
Agenda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Notícias de Imprensa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Investigação de Jornalistas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contacto direto dos intervenientes (chamadas telefónicas, emails,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agências de Comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4- Considera uma tendência recente a utilização da imprensa escrita como fonte para a realização de reportagens televisivas?

- Sim
- Não

5- A que atribui essa utilização?

---

6- Na redação onde desempenha funções tem havido um acréscimo de reportagens com base em banca de jornal?

- Sim
- Não

7- A que se deve esse recurso à banca de jornais?

- Ausência de Jornalismo de Investigação
- Falhas do serviço de agenda
- Jornais Televisivos demasiado longos
- Falta de meios de produção (como jornalistas, repórteres de imagem, produtores de informação)

8- Qual dos seguintes órgão de imprensa escrita influencia mais as redações dos canais televisivos?

- Jornal de Notícias
- Correio da Manhã
- Público
- Diário de Notícias
- Jornal i
- Expresso
- Sol
- Outro

9- Essa influência, na sua opinião, é positiva ou negativa?

- Positiva
- Negativa

10- Se respondeu negativa, porquê?

---

11- Na sua opinião, essas reportagens estão a tornar os jornais televisivos mais sensacionalistas?

- Sim
- Não

## Anexo II

Notícia avançada pelo Jornal de Notícias e que foi utilizada para reportagens televisivas no dia 13 de Junho

“Doutorados dão aulas no Superior por 650€”





## Anexo III

Notícia avançada pelo Jornal de Notícias que serviu como fonte para reportagens televisivas

“Treinador abusa de menino no parque do McDonalds”

16 de julho de 2016 **Jornal de Notícias**

**Justiça**

**Suspensão só volta às escolas em 2050**

O treinador de futebol e professor de Educação Física só vai poder voltar a dar aulas em 2050, por ter sido suspenso das funções durante 15 anos, a partir da data em que for libertado. Por isso, se vier a cumprir os 20 anos, só poderá voltar às escolas em 2050.

**# 900 anos de cadeia**

foi a pena parcelar (soma das penas por cada um dos 327 crimes de abuso sexual de menores) a que foi condenado pelo Tribunal de Penafiel, onde, em total, foi sentenciado a 25 anos de prisão, o máximo.

Marco de Canaveses José Carlos Veríssimo, atualmente a cumprir 20 anos de cadeia por 327 casos de abuso sexual de menores, vai voltar a ser julgado por outros seis crimes perpetrados contra um familiar, vítima no primeiro processo

# Treinador abusa de menino no parque do McDonalds

**Alexandre Panda**  
justica@jn.pt

► José Carlos Veríssimo, o treinador e professor do Marco de Canaveses que cumpre atualmente 20 anos de cadeia por 327 crimes de abuso sexual contra nove menores, alunos e atletas, vai voltar a ser julgado, desta vez por outros seis crimes perpetrados contra um menino, seu familiar. Um dos casos aconteceu numa viatura, no parque de estacionamento de um McDonalds.

O treinador, condenado em julho do ano passado pelo Tribunal de Penafiel a uma pena de 25 anos, que foi reduzida a 20, em janeiro, pelo Supremo, foi esta semana acusado de ter abusado, entre 2011 e 2012, de um familiar direto. Veríssimo já tinha sido condenado por ter abusado desta criança, mas entretanto surgiram novos factos que levaram o Departamento de Investigação e Ação Penal de Penafiel a deduzir uma nova acusação.

Um dos novos factos aconteceu quando a criança tinha 11 ou 12

2009 e 2014, em Marco de Canaveses, Leiria, Lisboa e na ilha da Madeira. Quando era treinador das camadas jovens do F.C. Alpendorada, no Marco, entre 2007 e 2009, Veríssimo abusou de quatro meninos. Nestes casos, os abusos consistiram em carícias e apalpões.

**Abusos nas salas de aula**

A partir do verão de 2009, abusou de um familiar menor, em casa dos seus pais. Nos três anos que se seguiram, aquele menino foi alvo de abusos 26 vezes, de forma agravada, sempre nas férias e nas várias cidades do país onde Veríssimo estava a dar aulas. Seguiram-se dois meninos de uma escola em Lisboa que foram abusados, por vezes ao mesmo tempo, na sala de aulas. Quando a estes dois meninos, os crimes foram 208.

Em 2012, enquanto treinador do Sacavenense, conheceu um menor, de 10 anos, que levou de férias para o Marco de Canaveses e à Madeira. Abusou dele 63 vezes, sem que a mãe desconfiasse.

Colocado na Madeira, numa instituição para crianças com necessidades especiais, abusou 20 vezes de outro aluno. •

**Supremo reduziu pena para 20 anos**

**A PENA** de 25 anos de cadeia aplicada, no ano passado, em Penafiel, a José Carlos Veríssimo foi reduzida, há sete meses, para 20 pelo Supremo Tribunal de Justiça. Na origem desta atenuação estão os factos de Veríssimo não ter antecedentes criminais e de os juizes terem considerado que a pena única (cúmulo de todas as penas parcelares aplicada por cada um dos 327 crimes) de 25 anos de prisão foi excessiva.

“Com a fixação da pena conjunta não se visa ressancionar o agente pelos factos de per si considerados isoladamente, mas antes procurar uma sanção de síntese, na perspetiva da avaliação da conduta total, na sua dimensão, gravidade e sentido global”, lê-se no acórdão, a que o JN teve acesso. Também o Ministério Público do Supremo Tribunal de Justiça emitiu um parecer no sentido de aplicar uma pena não superior aos 20 anos, alegando os mesmos motivos.

**Novos crimes de que é acusado terão sido praticados em casa dos pais da vítima**

anos. De acordo com a acusação, Veríssimo, que tinha na altura a total confiança dos pais da criança, levou-a ao McDonalds de Penafiel. Naquele local, dentro do carro, terá aproveitado o momento para praticar atos sexuais com o menor.

Os outros cinco novos crimes de que é acusado terão sido praticados em casa dos pais, em Marco de Canaveses, onde a criança era visita frequente.

**205 mil euros às famílias**

O novo julgamento deverá ser feito em Penafiel, onde o treinador e professor já tinha sido condenado a penas parcelares que totalizavam 900 anos de cadeia, cumuladas na pena de 25 anos, o máximo permitido em Portugal. Também foi condenado a pagar 205 mil euros às famílias das vítimas.

Nesse julgamento, foi dado como provado que Veríssimo abusou de nove alunos e atletas, com idades dos oito aos 12 anos, entre



José Carlos Veríssimo, condenado no tribunal de Penafiel, sempre disse que estava inocente